

**Exposições
Exhibitions**

**Galeria
Municipal do Porto**

Elvira Leite

**Kiluanji Kia
Henda**

com/with **Flávio Cardoso,
Lilianne Kiame &
Raul Jorge Gourgel**

**Mariana Caló
Francisco
Queimadela**

e/and

15.11.2025 — 15.02.2026

Elvira Leite

Aprender a ensinar, ensinar a aprender

2

Learning to teach, teaching to learn

10

Kiluanji Kia Henda

**com/with Flávio Cardoso, Lilianne Kiame
& Raul Jorge Gourgel**

Recursões: uma cartografia de territórios inacabados

16

Recursions: a cartography of unfinished grounds

30

Mariana Caló

e/and Francisco Queimadela

Estado de espírito

44

State of spirit

54

Aprender a ensinar, ensinar a aprender

Curadoria **Matilde Seabra**

Elvira Leite

Ao longo de mais de seis décadas, o percurso de Elvira Leite tem-se desdobrado entre a pedagogia e a prática artística. **Aprender a ensinar, ensinar a aprender** é a primeira apresentação institucional do trabalho desta figura essencial da arte contemporânea portuguesa.

A exposição organiza-se em dois tempos: uma mostra de pinturas raramente vistas e uma recriação do seu atelier. O primeiro momento agrupa trabalhos de início de carreira em diálogo com uma seleção de obras recentes e inéditas, estabelecendo um diálogo entre figuração e abstração. O segundo momento transforma a galeria em um espaço onde “se brinca” espacialmente com as geometrias, formas e desenhos dos seus *livros-jogo*, albergando também o seu arquivo, incluindo cartas, fotografias e objetos.

Ao propor um encontro com esta prática híbrida, **Aprender a ensinar, ensinar a aprender** revela o universo singular de Elvira Leite, uma pintora radiante e figura incontornável na reinvenção do ensino das artes em Portugal.

Programa Público

15.11.2025 — 17:00

Inauguração

13.12.2025 — 15:00

Visita Guiada

com Lúcia Almeida Matos

16.12.2025 — 16.01.2026

Oficinas

O Espaço Entre

com Cristina Camargo, equipas de mediação
BOA Arts, PING!/GMP, Bibliotecas Municipais do Porto

07.02.2026 — 10:00 — 17:00

Seminário

Pensar o educativo e o artístico a partir de Elvira Leite

com Amanda Midori, Cat Martins, Joaquim Azevedo,
Maria João Vicente, Matilde Seabra, Milice Ribeiro dos Santos,
Sofia Victorino, Plano Nacional das Artes e Escola Imaxinada

Visitas Guiadas

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(sábado) — 15:00



Aprender a ensinar, ensinar a aprender com Elvira Leite¹

Esta é uma exposição embrulhada pela pintura, contemplando dois momentos aparentemente iguais, o de abertura e o de encerramento, nos quais se podem ver as obras da artista Elvira Leite.

A palavra *embrulho* suscita algo que está no interior, protegido ou escondido, e convoca as memórias de abrir um presente ou de tirar um jogo da caixa. Esta exposição quer fazer isso tudo, *embrulhar, desembulhar* para voltar a *embrulhar*: de dezembro a janeiro, a meio do tempo, a exposição transforma-se num atelier, com propostas de oficinas criativas para toda as pessoas participarem. Intitulado *Espaço Entre* estará aberto com uma programação orientada por Cristina Camargo do BOA Arts, pelas equipas de mediação do ping! e das Bibliotecas Municipais do Porto, inspirado nas propostas artísticas e lúdicas concebidas por Elvira Leite com outras autoras, artistas e designers.

Ao longo de quase um ano, habitámos a casa e o atelier de Elvira Leite. Se a casa por si só já é um lugar acolhedor, as mãos da artista convidam-nos a entrar e a irmos mais fundo, apontando para fotografias, obras e cartas trocadas com artistas, lado a lado com as pequenas esculturas do figurado popular. O atelier, fica nas águas-furtadas; cada vez que subíamos, era como se entrássemos na cabeça da artista. Também ali se veem objetos respigados, trabalhos de estudantes expostos nas paredes, livros e dossiês metodicamente organizados por temas: *metodologia de projeto, formação para professores, oficinas para o museu*. Um atelier que ficou assim, durante quarenta anos, a ser um arquivo vivo de uma professora de artes visuais e geometria do liceu.

Em 2020, depois de uma vida dedicada à mudança do ensino das artes visuais em Portugal e da colaboração com serviços educativos e de mediação em museus de arte, regressa ao atelier. Levanta o pano que cobria a paleta, os tubos de óleo, os pincéis ainda a cheirar a terebentina, e arrasta o cavalete para o meio do atelier; recomeça uma pintura que tinha ficado inacabada. Nas paredes revestidas a corticite, pinturas com a diferença de 60 anos dialogam entre elas: as paisagens e cenas do quotidiano de Trás-os-Montes —, pintadas quando ainda era jovem e que lhe valeram o Prémio Nacional de Pintura e a participação na VIII Bienal de São Paulo —, com as pinturas contemporâneas, abstratas, de uma mulher que continua incansável na procura da definição da linha-fronteira, da sobreposição de

1. Título pedido de empréstimo a duas investigadoras, Manuela Sanches Ferreira e Milice Ribeiro dos Santos, na área da sistémica, intervenção e educação. Tratando-se de um empréstimo, tem três "Vs" de vai, de volta e vem, como a aprendizagem.

manchas que transparecem os tons de baixo e que, como explica, a ela “não pode fazer lembrar nada, para não se deixar condicionar.”

A sala de exposições do piso -1 da Galeria Municipal do Porto, de paredes brancas, foi forrada a cortice, remetendo para o estúdio de Elvira Leite. As paredes exteriores da galeria, transformaram-se num lugar de documentação e apropriação, como se fosse um Diário de Bordo. Apresentam-se cartas trocadas com o amigo e colega de ação, Bruno Munari; um arquivo de fotografias das ruas do Porto nos pós-25 de Abril e do 1º de Maio com crianças e jovens que mostram os seus cartazes e reivindicações provadas, um outro arquivo de imagens de espaços pedagógicos, que mostram as condições desoladoras de uma sala de aula que esta professora transformou e melhorou ao longo da sua vida. Este arquivo de imagens, da Faculdade de Belas Artes do Porto, mostra ainda fotografias de oficinas do Atelier 61, que coordenou com Manuela Malpique, do Centro Regional das Artes Tradicionais e do educativo da Fundação de Serralves com fotografias de atividades no Parque e no Museu.

Esta é uma exposição afetiva. Reúne várias pessoas que fazem parte do pensamento e campo multidisciplinar de Elvira Leite — foram comissionados um texto e um filme à artista e investigadora Amanda Midori — com quem a Galeria Municipal do Porto está a coorganizar o encontro *Dentro e Fora da Escola: Pensar o educativo e o artístico a partir de Elvira Leite*. Será orientada uma visita por Lúcia Almeida Matos para abordar o ensino do Curso de Pintura da antiga Escola de Belas Artes do Porto. Pedro Galante foi o geómetra da exposição, criando elementos cenográficos, com composições tridimensionais a partir da forma do *trisósceles* e das ilustrações que Elvira Leite realizou para os livros-jogo dos anos 70.

Deseja-se que esta seja uma exposição de recriação de experiências artísticas para “deleite estético”, como diria o colega e escultor Alberto Carneiro. Elvira Leite foi uma professora capaz de acreditar na mudança da escola e das turmas onde lecionou. É engajada e de uma entrega total com o que cria. Por estas razões, esta foi uma curadoria de aprendizagem e reciprocidade.

Matilde Seabra

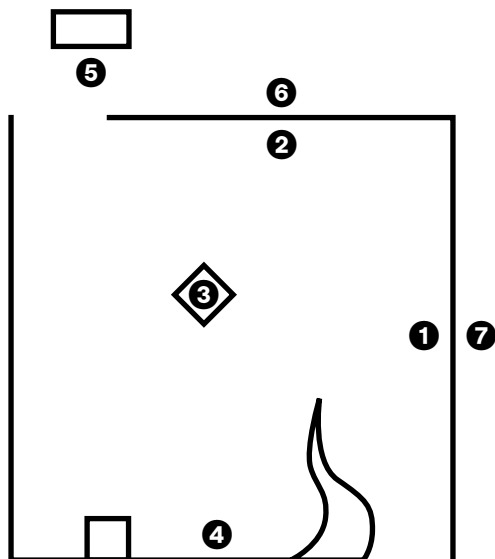
Elvira Leite

Elvira Leite nasceu em 1936 no Porto, onde se licencia em pintura pela Escola de Belas-Artes da Universidade do Porto. Integra a VIII Bienal de São Paulo (1965) e a II Bienal Internacional del Deporte en las Bellas Artes de Madrid (1969). Em 1968 ganha o Prémio Nacional de Pintura. No período pós-25 de Abril, acompanha processos como o SAAL e implementa projetos de expressão livre para crianças no Porto. Inicia, então, a carreira de docência para, na década de 1980, colaborar com o Ministério da Educação. Nos anos 1990, integra os primeiros serviços educativos do Museu Nacional Soares dos Reis e da Fundação de Serralves. É autora e coautora de diversos livros e publicações dirigidos a professores sobre Metodologia de Projeto, o Espaço Pedagógico e a Educação pela Arte, e ainda de oficinas criativas e livros-jogo para crianças, famílias e escolas que resultaram de amizades e partilhas de saberes com figuras como Bruno Munari e Arno Stern.



© Dinis Santos

*Entre 16.12.25 e 16.01.26,
a exposição é ativada pelas
Oficinas *O Espaço Entre*,
pelo que a planta sofre
alterações na disposição
das obras.



1**Sem título**

1965

Óleo sobre aglomerado de madeira
123 x 163 cm
Coleção particular

Aldeia Transmontana

[Prova de Tese]

1964

Óleo sobre tela colado sobre aglomerado de madeira
150 x 200 cm
FBAUP Inv. no. 99.PINT.739

Banhistas

1966

Óleo sobre aglomerado de madeira
92 x 173 cm
Cortesia de Maria José Pereira Leite

Ceia Transmontana

1965

Óleo sobre aglomerado de madeira
88 x 168 cm
Cortesia da artista

2**Aldeia Transmontana**

1966

Óleo sobre aglomerado de madeira
107 cm x 127 cm
Cortesia da artista

Sem título

1968–2025

Óleo sobre tela
90 x 65 cm
Cortesia da Artista

Sem título

2025

Óleo sobre tela
130 x 100 cm
Cortesia da artista

Sem título

2025

Óleo sobre tela
120 x 90 cm
Cortesia da artista

Aldeia Transmontana

1966

Óleo sobre aglomerado de madeira
128 x 107 cm
Cortesia da artista

3**Sem título**

1967–1975

Cerâmica vidrada
Dimensões variáveis
Cortesia da artista

4

Elvira Leite e Manuela Malpique
Elemento cenográfico a partir de “Trisósceles – Construções Tridimensionais” por Pedro Galante
1974 Jogos Visuais, Edição Asa, Porto
Fabrianno Academia – Tipo Grade
3,2 x 3 m

Sem título

2023

Óleo sobre aglomerado de madeira
56 x 46 cm
Cortesia da artista

Sem título

2025

Óleo sobre tela
40 cm x 52 cm
Cortesia da artista

Sem título

2023

Óleo sobre tela
100 x 82 cm
Cortesia da artista

Sem título

2025

Ecoline em papel aguarela e outros objetos minerais
Dimensões variáveis
Cortesia da artista

5

Gabinete de Curiosidades
Início séc. XX
206 x 50 x 101 cm
Cortesia da artista

6

Seleção de publicações nas quais Elvira Leite é coautora
1974–2010

Cortesia da artista e Biblioteca da Fundação de Serralves e Pierrot le fou – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Arquivo fotográfico digitalizado
Coleção da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
Doação da artista

Bruno Munari
Cartas dirigidas a Elvira Leite
Cerca 1980/90
Reprodução de Manuscrito em Papel de carta
Arquivo pessoal de Elvira Leite

Amanda Midori e Pedro Bastos
Por desvios e derivas
2025
Vídeo digital 17' 08"
Comissão de Galeria Municipal do Porto

7

Elvira Leite e Manuela Malpique
Composição a partir das ilustrações de “Jogos Visuais” por Pedro Galante
1974 Jogos Visuais, Edição Asa, Porto
Vinil mate
3,2 x 8 m

Learning to teach, teaching to learn

Curated by **Matilde Seabra**

Elvira Leite

For over six decades, Elvira Leite's work has explored both pedagogy and artistic practice. **Learning to teach, teaching to learn** is the first institutional presentation of this key figure in contemporary Portuguese art.

The exhibition unfolds in two parts: a display of rarely seen paintings and a recreation of her studio. The first part brings together early works from the beginning of her career in dialogue with a selection of recent and previously unseen pieces, establishing a conversation between figuration and abstraction. The second transforms the gallery into a space where one can “play” spatially with the geometries, forms, and drawings from her *gamebooks*, while also housing her archive, which includes letters, photographs, and objects.

By inviting an encounter with this hybrid practice, **Learning to teach, teaching to learn** reveals the singular universe of Elvira Leite, a radiant painter and an essential figure in the reimagining of art education in Portugal.

Public Programme

15.11.2025 — 17:00

Opening

13.12.2025 — 15:00

Guided Tour (PT)

with Lúcia Almeida Matos

16.12.2025 — 16.01.2026

Workshops

The Space In Between

with Cristina Camargo, mediation teams

BOA Arts, PING!/GMP, Bibliotecas Municipais do Porto

07.02.2026 — 10:00 — 17:00

Seminar

Thinking about education and art based on Elvira Leite

with Amanda Midori, Cat Martins, Joaquim Azevedo,
Maria João Vicente, Matilde Seabra, Milice Ribeiro dos Santos,
Sofia Victorino, Plano Nacional das Artes and Escola Imaginada

Guided Tours

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(Saturday) — 16:00

Learning to Teach, Teaching to Learn with Elvira Leite¹

This is an exhibition wrapped in painting, reflecting two moments that appear identical — the opening and the closing — in which the works of the artist Elvira Leite are shown.

The word *wrapped* evokes something contained within, protected or hidden, and calls to mind the memory of unwrapping a present or taking a game out of its box. This exhibition aims to do all of that: to wrap, unwrap, and wrap again. From December to January, midway through its run, the exhibition transforms into a studio, offering creative workshops, open to all. Entitled *Espaço Entre*, it is presented with programming curated by Cristina Camargo from BOA Arts, together with the mediation teams from ping! and the Porto Municipal Libraries, inspired by the artistic and playful projects developed by Elvira Leite in collaboration with other authors, artists, and designers.

Over the course of nearly a year, we inhabited the home and studio of Elvira Leite. While the house itself is already a welcoming space, the artist's hands invite us further in, pointing out photographs, works, and letters exchanged with fellow artists, alongside the small sculptures of popular figures. The studio is in the attic; each time we climbed up, it felt as though we were entering the artist's mind. There too, one sees gathered objects, students' works displayed on the walls, books, and dossiers meticulously organised by theme: *project methodology, teacher training, museum workshops*. This studio remained like this for forty years, serving as a living archive of a visual arts and geometry teacher at the secondary school.

In 2020, after a lifetime devoted to transforming visual arts education in Portugal and collaborating with museum educational and mediation departments across art museums, Elvira returned to the studio. Leite lifted the cloth covering the palette, the oil tubes, the brushes still smelling of turpentine, and dragged the easel to the centre of the studio; she resumed a painting that had been left unfinished. On the walls lined with corkboard, paintings sixty years apart engage in dialogue with one another: the landscapes and everyday scenes of Trás-os-Montes — painted in her youth, which earned her the National Painting Prize and a place in the VIII São Paulo Biennale — alongside contemporary, abstract paintings by a woman who continues tirelessly in the pursuit of defining the borderline, layering stains that reveal the underlying tones, which, as she explains, “must not remind her of anything, so as not to be influenced.”

The exhibition room on the -1 floor of the Galeria Municipal do Porto, with its white walls, was lined with corkboard, evoking Elvira Leite's studio. The outer walls of the gallery were transformed into a space of documentation and appropriation, akin to a logbook. Displayed are letters exchanged with her friend and collaborator, Bruno Munari; an archive of photographs of the streets of Porto in the post-25th April period and on 1st May, showing children and young people presenting their posters and claims; another archive of images of pedagogical spaces, documenting the desolate conditions of classrooms that this teacher transformed and improved throughout her life. This image archive, from the Faculty of Fine Arts of Porto, also includes photographs of workshops at Atelier 61, which she coordinated with Manuela Malpique, the Regional Centre

1. Title borrowed from two researchers, Manuela Sanches Ferreira and Milice Ribeiro dos Santos, in the fields of systems, intervention, and education. As a borrowed title, it embodies three “Vs”: go (vai), return (de volta), and come back (vem), reflecting the cyclical nature of learning.

for Traditional Arts, and the educational department of the Serralves Foundation, featuring photographs of activities in the park and the museum.

This is an affective exhibition. It brings together various people who are part of Elvira Leite's thinking and multidisciplinary field — a text and a film were commissioned from the artist and researcher Amanda Midori, with whom the Galeria Municipal do Porto is co-organising the event *Inside and Outside the School: Thinking the Educational and the Artistic from Elvira Leite*. A guided visit will be led by Lúcia Almeida Matos, focusing on the teaching of the Painting Course at the former School of Fine Arts of Porto. Pedro Galante was the exhibition's geometer, creating scenographic elements with three-dimensional compositions based on the shape of the *trisósceles* (*isosceles triangle*) and the illustrations Elvira Leite made for the activity books of the 1970s.

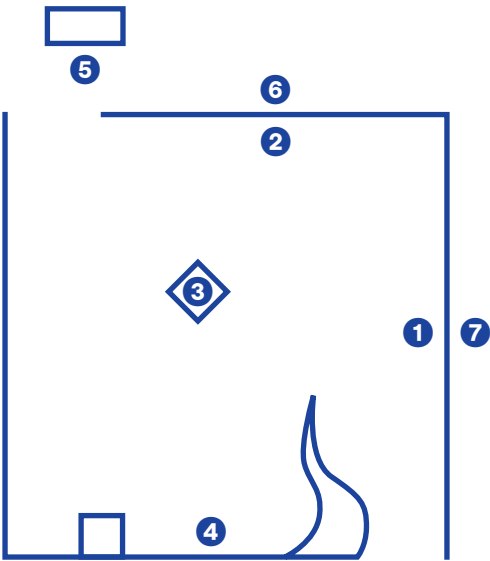
The intention is for this exhibition to recreate artistic experiences for "aesthetic delight", as her colleague and sculptor Alberto Carneiro would say. Elvira Leite was a teacher capable of believing in the transformation of the school and of the classes where she taught. She is engaged and fully committed to everything she creates. For these reasons, this was a curatorship of learning and reciprocity.

Matilde Seabra

Elvira Leite

Elvira Leite was born in 1936 in Porto, and graduated in Painting from the School of Fine Arts of the University of Porto. Leite participated in the VIII São Paulo Biennale (1965) and the II International Biennale of Sport in the Fine Arts, Madrid (1969). In 1968, the artist received the National Painting Prize. In the period following the 25th April Revolution, she became involved in initiatives such as SAAL and developed projects promoting free expression for children in Porto. Leite then began a teaching career, and in the 1980s collaborated with the Ministry of Education. In the 1990s joined the first educational department of the Museu Nacional Soares dos Reis and the Serralves Foundation. Leite is the author and co-author of several books and publications aimed at teachers, focusing on Project Methodology, the Pedagogical Space, and Arts Education, as well as creative workshops and activity books for children, families, and schools. These initiatives grew out of friendships and shared knowledge with figures such as Bruno Munari and Arno Stern.

*Between 16 December 2025 and 16 January 2026, the exhibition is activated by the *The Space In Between* workshops, which will result in changes to the layout of the pieces.



1

Untitled

1965
Oil on plywood
123 × 163 cm
Private collection

Trás-os-Montes village

[Thesis exam]
1964
Oil on canvas glued
onto plywood
150 × 200 cm
FBAUP Inv. no. 99.PINT.739

Bathers

1966
Oil on plywood
90 × 65 cm
Courtesy of
Maria José Pereira Leite

Trás-os-Montes supper

1965
Oil on plywood
79 × 160 cm
Courtesy of the artist

2

Trás-os-Montes village

1966
Oil on plywood
107 cm x 127 cm
Courtesy of the artist

Untitled

1968–2025
Oil on canvas
90 × 65 cm
Courtesy of the artist

Untitled

2025
Oil on canvas
130 × 100 cm
Courtesy of the artist

Untitled

2025
Oil on canvas
120 × 90 cm
Courtesy of the artist

Trás-os-Montes village

1966
Oil on plywood
128 × 107 cm
Courtesy of the artist

3

Untitled

1967–1975
Glazed ceramics
Variable dimensions
Courtesy of the artist

4

Elvira Leite and
Manuela Malpique
**Scenographic element
based on “Trisósceles
– Construções
Tridimensionais” by Pedro
Galante**

1974 Jogos Visuais,
Edição Asa, Porto
Fabrianno Academia
– Tipo Grade
3 × 3.2 m

Untitled

2023
Oil on plywood
56 × 46 cm
Courtesy of the artist

Untitled

2025
Oil on canvas
40 cm x 52 cm
Courtesy of the artist

Untitled

2023
Oil on canvas
100 × 82 cm
Courtesy of the artist

Untitled

2025
Ecoline on watercolour
paper and other mineral
objects
Variable dimensions
Courtesy of the artist

5

Curiosity Cabinet

Early 20th century
206 × 50 × 101 cm
Courtesy of the artist

6

**Selection of publications
in which Elvira Leite
is co-author**

1974–2010
Courtesy of the artist and
Biblioteca da Fundação de
Serralves and Pierrot le fou
– Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto,

**Digitised photographic
archive**

Collection of Faculdade
de Belas Artes da
Universidade do Porto.
Donation by artist

**Bruno Munari
Letters addressed
to Elvira Leite**

Circa 1980/90
Reproduction of
manuscript on letter paper
Personal archive from
Elvira Leite

**Amanda Midori
and Pedro Bastos
Through drifts**

and deviations
2025
Digital video 17' 08"
Comission by Galeria
Municipal do Porto

7

Elvira Leite and
Manuela Malpique
**Composition based on
the illustrations of “Jogos
Visuais” by Pedro Galante**
1974 Jogos Visuais,
Edição Asa, Porto
Matte vinyl
8 × 3,2 m

Recursões: uma cartografia de territórios inacabados

Curadoria Margarida Waco e Kiluanji Kia Henda

**Kiluanji
Kia
Henda**

**com Flávio Cardoso,
Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel**

Recursões: uma cartografia de territórios inacabados centra-se no diálogo entre a obra de Kiluanji Kia Henda e três artistas angolanos — Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel — para refletir sobre as promessas, fracassos e ruínas da modernidade.

A exposição é articulada pela ideia de recursão: um processo orgânico de retorno que compreende passado, presente e futuro, marcado por movimentos recorrentes, inacabados e em constante mutação. Com fortes ligações ao território e à paisagem, as obras desenham ciclos de memória e especulação, propondo Angola como um arquivo vivo de imaginação coletiva.

Através de diferentes linguagens como a fotografia, a pintura, a instalação, o vídeo ou a performance, **Recursões** propõe um mapa que analisa o impacto atual das heranças coloniais. Superando narrativas históricas fixas, a exposição apresenta-se como uma bússola provisória que localiza um território de contornos instáveis a partir do qual novos horizontes podem emergir.

Programa Público

15.11.2025 — 17:00

Inauguração

16.11.2025

Visitas Guiadas

15:00 — com Margarida Waco (EN)

16:00 — com Kiluanji Kia Henda (PT)

31.01.2026 — 11:00 — Fonoteca Municipal do Porto

Escuta ativa

com Kalaf Epalanga

31.01.2026 — 15:00

Apresentação

Manual Antirracista para as Artes e Educação

com UNA – União Negra das Artes

14.02.2026 — 17:00

Dj set de Nazar

Visitas Guiadas

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(sábado) — 15:00



Kiluanji Kia Henda © Kiluanji Kia Henda



Flávio Cardoso © Flávio Cardoso



Lilianne Kiame © Kim Praise



Raul Jorge Gourgel © Raul Jorge Gourgel

Quantos futuros morreram no passado?

Esta pergunta surgiu quando, em 2024, recebi um convite da Galeria Municipal do Porto para realizar uma exposição individual. Em vez de apresentar um projeto a solo, transformei esse convite numa provocação — e num desafio maior: poderia este espaço acolher uma multiplicidade de vozes, línguas e temporalidades? Foi a partir deste impulso que surgiu *Recursos*, uma exposição coletiva e um projeto curatorial desenvolvido em colaboração com a arquiteta e investigadora Margarida Waco, cujo trabalho se debruça sobre os processos materiais e ideológicos que moldam e remodelam a Bacia do Congo — região à qual pertencem partes do que hoje se considera Angola.

Esta exposição convoca um reconhecimento que sempre me interessou: o poder da arte para atravessar temporalidades. A capacidade de nos desprendermos do presente, investigarmos o passado e projetarmos futuros é um desafio constante — sobretudo no contexto de sociedades ainda marcadas pela experiência colonial, onde a memória histórica foi fraturada, erodida e silenciada de forma seletiva. Sociedades que, até hoje, permanecem fragilizadas pela ausência de infraestruturas e políticas capazes de garantir um acesso efetivo ao conhecimento histórico.

Senti-me impelido a explorar um território a partir de uma perspetiva e de um conceito que vão para além da noção de Estado-nação. Decidi, assim, entrar em diálogo com artistas angolanos, amigos e colegas: Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel. Juntos, quisemos abordar o território como um espaço de camadas históricas, deslocamentos e interseções, onde as ideias circulam e se transformam, e não apenas como uma fronteira cartográfica estabelecida por um tratado colonial. É neste espaço fluido que se experimentam novas formas de relação entre memória, política e imaginação. Ao reunir artistas com experiências e linguagens distintas, a exposição pretende criar diálogos que desafiem as narrativas oficiais, nas quais os elementos que simbolizam a soberania são manipulados, para questionar valores universais, explorando a prática artística como um espaço de crítica e poesia, capaz de resgatar o público da amnésia coletiva. A exposição torna-se, assim, um espaço onde o arquivo não é apenas um repositório, mas um organismo vivo em constante mutação. Cada obra em exibição é uma tentativa de reescrever o mapa — não só geográfica, mas também mental e emocionalmente — de um território em constante reinvenção, onde se entrelaçam períodos históricos distintos e onde múltiplas tragédias nos conduzem a novos começos. O que surgiu não é simplesmente uma exposição, mas um espaço de especulação crítica e afetiva.

Kiluanji Kia Henda

Falar em recursão não é simplesmente falar em retorno.

Retorno implica um movimento circular, um regresso à origem. A recursão, pelo contrário, nomeia algo mais insistente, mais indomável. Refere-se a uma repetição com diferença, a padrões que re parecem alterados, refratados, nunca exatamente iguais. A recursão, neste sentido, é tanto uma análise como uma prática: uma forma de reentrar no presente através do regresso aos trabalhos inacabados do passado, e um modo de perceber como as histórias persistem, não como heranças fixas, mas enquanto sedimentações, interrupções e processos mutados que permanecem ativos no agora.

Tomando esta persistência como premissa curatorial, *Recursões: uma cartografia de territórios inacabados* acompanha os ciclos de continuidades e descontinuidades que constroem e desconstróem Angola, passado e presente. Não o faz para afirmar uma causalidade linear, mas para atender ao que chamo uma “lógica do reaparecimento”. Ou seja, às formas como a conquista e o império, as paisagens e teatralidades da modernidade, regressam com teimosa insistência através de tempos, escalas e técnicas mutáveis. Fundamentalmente, a recursão aqui direciona a nossa atenção para o território como um local de inscrição histórica. Enquanto matéria, como espaço da memória, como palco para projeção e como condição de possibilidade. Nomeia uma práxis de atenção à simultaneidade dos tempos, convidando-nos a considerar como as abstrações colonial-imperiais estão codificadas e citadas nas extrações atuais; como a construção do Estado-nação pós-independência colapsa em lutas contínuas, e como as heranças estruturais continuam a estruturar a vida angolana contemporânea. Embora a exposição situe as suas primeiras coordenadas em Angola, os seus horizontes inevitavelmente se voltam para fora, em direção à relação e a questões mais amplas sobre o legado do império, a política de ruínas e como habitar mundos onde futuros, repetidamente interrompidos, podem ser imaginados de outra forma.

Assim, *Recursões* reúne quatro artistas angolanos contemporâneos — Kiluanji Kia Henda Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel — cujas obras se movimentam dentro e contra os paradoxos das modernidades em mutação: as suas promessas, os seus fracassos e as suas inquietas pós-vidas. Através da fotografia, do cinema, da escultura, de instalações e da pintura, a exposição constrói um mapa sem fixidez. Intersecta práticas artísticas, arquitetónicas e investigativas para testar novas coordenadas para a imaginação coletiva, questionando que formas de atenção são necessárias para permanecer com o inacabado enquanto possibilidade.

No centro deste retorno estão as obras de **Kiluanji Kia Henda**, cujas gravuras, filmes e esculturas desestabilizam as arquiteturas do progresso. Kia Henda localiza o trabalho da memória na ruína: instável e fragmentária. Do deserto do Namibe às fachadas marcadas por décadas de conflito armado, as suas imagens e instalações oscilam entre o íntimo e o político, entre a aparição e o desaparecimento, entre a permanência e a transitoriedade. Onde a ambição colonial dá lugar à decadência, horizontes especulativos dissolvem-se na areia e os muros da cidade tornam-se arquivos da guerra civil, da intervenção estrangeira e da propaganda, as suas obras confrontam o progresso como algo intrinsecamente precário, sempre assombrado pela possibilidade do colapso. Nestes espaços, a história vive tanto no que sobrevive como no que corrói e se desintegra — ou seja, nesses contra-arquivos que se insurgem contra as narrativas sancionadas pelo Estado. A partir deste enraizamento, a exposição expande-se, desdobrando-se em diálogo.

Ao virar a câmara para os fragmentos, **Flávio Cardoso** mapeia paisagens residuais da modernidade tecnológica. A sua prática traça um itinerário por linhas costeiras cobertas de lixo eletrónico, circuitos levados pela maré e fábricas abandonadas ao longo do Corredor do Lobito — o troço ferroviário histórico que liga o porto do Lobito, em Angola, à província de Katanga, na República Democrática do Congo. Outrora construídas para sustentar ambições coloniais, mais tarde ultrapassadas pelo tempo e pelo abandono, estas vastas infraestruturas tornam-se, nas suas fotografias, lugares onde as temporalidades colapsam. Reúnem passado e futuro, o descartável e o possível, para recompor vestígios materiais da obsolescência numa história. É na ferrugem, na ruína e no silêncio que Cardoso encontra o seu ponto de partida, para reanimar novas constelações e conexões a partir dos destroços — insistindo que o que permanece ainda pode gerar.

Enquanto as obras de Kia Henda e Cardoso revelam o colapso, **Lilianne Kiame** pinta a partir da suspensão e das arquiteturas inacabadas do boom petrolífero angolano: das torres esqueléticas descoloradas pelo sol, paradas a meio da construção, às carcaças de vidro vazias, andaimes congelados contra o céu, e placas de betão pré-fabricadas à espera de revestimento. Outrora celebradas como monumentos à prosperidade, estas formas esqueléticas permanecem hoje como lembranças de futuros não concretizados, de investimentos evaporados e de promessas não cumpridas, dando testemunho da volatilidade do capital extrativista. No entanto, o trabalho de Kiame não se acomoda ao luto. Pelo contrário, regista a suspensão como ferida e como limiar. Neste intervalo entre o progresso e o abandono, as suas pinturas reinventam o inacabado como abertura — onde andaimes e esqueletos de betão surgem como convites materiais para ensaiar outros ritmos e formas de vida improvisadas.

Se Kiame e Cardoso trabalham a suspensão e os destroços, **Raul Jorge Gourgel** volta-se para o ritual, o fogo e o corpo. As suas instalações convocam objetos, emblemas e símbolos ligados à nação e à transmutação da Angolanidade — apenas para os tornar

frágeis e combustíveis. Simultaneamente íntimas e institucionais, frágeis e carregadas, estas fusões entre o eu e a nação tornam-se recipientes afetivos para a reinterpretação e a contestação. Através da performance, Gourgel encena a sua combustão para interrogar a herança como algo ensaiado, tenso e inacabado, questionando o que é preservado e transmitido, o que precisa de ser libertado, e de que forma a identidade nacional pode ser cuidada enquanto negociação volátil e contínua.

Ao longo destas quatro práticas, *Recursões* colapsa paisagens temporais, convidando-nos a revisitar os assombros estruturados pela diferença, embora reencenadas sob novos termos e condições. Reativa narrativas deixadas adormecidas, não como notas de rodapé ou citações, mas como ritmo e respiração. Isto é a recursão em ação: um entrelaçamento de presentes, passados e futuros que mantêm as suas profundidades de outros presentes, passados e futuros — cada um carregando, alterando e mantendo os anteriores, para ecoar Achille Mbembe. Assim, habitar ruínas, suspensões, fragmentos e combustões é compreender o inacabado como presença que molda as possibilidades de vida nas suas múltiplas formas e constelações.

Aqui, o inacabado aponta para um conjunto de coordenadas para novas orientações — que nos impulsionam a confrontar o irresoluto, o instável e o que está em aberto — enquanto aspiramos a horizontes e futuros por traçar, ainda em formação. Não apesar do inacabado, mas através dele.

Margarida Waco

Flávio Cardoso

Flávio Cardoso cresceu em Luanda, Angola, rodeado pelos primeiros mundos cibernéticos da internet por acesso telefónico, videojogos e televisão por satélite. Durante o massacre de 1992, em Luanda, o seu pai levou para casa um velho computador IBM com o intuito de o manter dentro de casa — um gesto que despertou a sua fascinação pela tecnologia. Formado em programação de software, trabalhou em engenharia, antes de se dedicar à fotografia como forma de lidar com sentimentos de distanciamento em relação ao seu meio envolvente. Aquilo que começou como um passatempo evoluiu para uma prática artística a tempo inteiro, na qual explora as interseções entre tecnologia, alienação e os legados do colonialismo. Trabalhando com fotografia, vídeo, cor e instalações imersivas, Cardoso reflete sobre os efeitos da governação algorítmica e dos cenários tecnocráticos. O seu trabalho tem vindo a expandir-se através de residências artísticas e exposições coletivas em Angola, em Cabo Verde e na Nigéria.

Kiluanji Kia Henda

Kiluanji Kia Henda vive e trabalha na sua cidade de Luanda, Angola. A sua prática artística cruza fotografia, vídeo, performance, instalação e música, explorando a arte como meio de construção e reinterpretação da história. Através de narrativas ficcionais, desloca acontecimentos históricos para novos contextos e temporalidades, refletindo sobre a identidade, a política e os imaginários da modernidade em África. O seu trabalho propõe novas leituras do passado e abre espaço para futuros possíveis, transformando a arte num território de pensamento crítico sobre memória, poder e transformação social. O trabalho de Kiluanji Kia Henda tem sido apresentado em importantes instituições e eventos internacionais, incluindo a 60ª Bienal de Veneza, Centre Georges

Pompidou, Migros Museum, International Film Festival of Rotterdam, 2ª Bienal de Lubumbashi, 12ª Bienal de Gwangju, Tate Modern (Londres), Museu Guggenheim (Bilbao), 3ª Trienal do New Museum (Nova Iorque), 11ª Bienal de Dakar, Bergen Assembly, Museu Tamayo (Cidade do México), 29ª Bienal de São Paulo e a Trienal de Luanda, entre outros.

Lilianne Kiame

Lilianne Kiame nasceu em Luanda, Angola. Trabalhando entre a pintura, a escultura e a instalação, a sua prática entrelaça narrativas históricas e culturais para examinar questões de exploração, extrativismo e as realidades socioeconómicas que moldam a Angola contemporânea. A sua apresentação individual mais recente, *Land for Sale* (Investec Cape Town Art Fair, 2025), reuniu pintura e escultura para questionar a propriedade da terra e a extração de recursos. O seu trabalho integrou exposições como *Artists for a New Tomorrow* (Jahmek Contemporary, Luanda, 2022), *Chibinda Ilunga, Places of Belonging* (Humboldt Forum, Berlim; Museu de Antropologia, Luanda, 2022), e *Open Studio – Art School Alliance* (Karolinenstrasse, Hamburgo, 2024). Contribuiu também para a Coleção Forward Art Stories com uma obra comissionada para a exposição coletiva *Visions of the Efémeras*. Em 2024, foi investigadora em residência na Hochschule für Bildende Künste Hamburg, onde liderou um curso dedicado à criação de espaço e à luz. Atualmente, Kiame é responsável pela direção artística do filme de ficção científica angolano *Hold Time for Me*, expandindo ainda mais a sua abordagem multidisciplinar à arte da narrativa.

Margarida Waco

Margarida Waco é arquiteta, escritora e atualmente doutoranda no Institute for the History and Theory of Architecture (gta) da ETH Zürich, na Suíça. Recentemente, desempenhou funções como

responsável pela Estratégia de Relações Externas na revista *The Funambulist*, dirigiu e lecionou um atelier de projeto arquitetónico no Royal College of Art, em Londres, e colaborou com vários gabinetes de arquitetura em Copenhaga, Paris e Estocolmo. O seu trabalho foi apresentado na 18.ª Bienal de Arquitetura de Veneza, Architekturmuseum der TUM, Palais de Tokyo, Festival Afrofeminista Nyansapo, Museu de Arte de Malmö, Form/Design Center, MAM – Mês da Arquitetura da Maia, entre outros. Os seus textos foram publicados em plataformas como *Afterall*, *Archive of Forgetfulness*, *e-flux*, *Ellipses Journal of Creative Research*, *STOA Journal* e *Aprender a desaprender* (Dafne Editora, 2024), entre outras. Waco coeditou diversas publicações, incluindo *Rehearsals: Toward an Economy of Care and Repair* (2025), *Homeplace – A Love Letter* (Architekturmuseum der TUM, 2023), *Pan-Africanism* (The Funambulist, 2020), e é coautora de *Informal Horizons: Urban Development and Land Rights in East Africa* (Royal Danish Academy, 2019).

Raul Jorge Gourgel

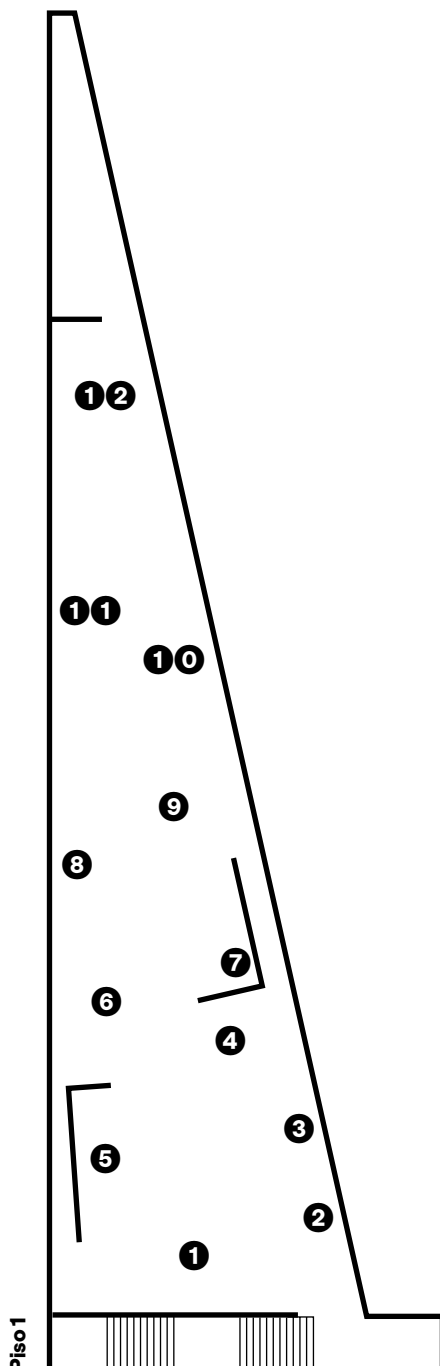
Raul Jorge Gourgel é artista multidisciplinar e trabalha na área da investigação, entre Luanda e a Cidade do Cabo. Nasceu três anos antes do fim da guerra “civil” angolana, em 1999, tendo crescido, com uma mãe solo e numa família com raízes no nacionalismo revolucionário, num período em que o país se reconfigurava e procurava recuperar de décadas de conflito. Desde cedo, esteve em contacto próximo com as narrativas da construção da nação e a memória da guerra que marcou a infância de toda uma geração, enquanto Angola enfrentava o seu trauma coletivo. A prática artística de Gourgel nasce do diálogo entre essa experiência formativa e um profundo interesse por processos que promovem formas coletivas de existir e de conhecer. Interessa-se pelo hiato

entre território e nação, assim como pelas tensões e pelos esforços constantes para os aproximar. O trabalho de Gourgel centra-se na compreensão do trauma e na análise da forma como a construção da nação molda a identidade coletiva e, por consequência, o vocabulário existencial do indivíduo. Esta investigação implica um revisitar contínuo de momentos históricos e contemporâneos, através da experiência pessoal e coletiva.



Kiluanji Kia Henda, *Miragem / Mirage*, 2025





7

O Palácio do Poder Abstrato

2014

Serigrafia e impressão
Injekt sobre papel
fotográfico
100 × 100 cm
Cortesia: Artista e
Galleria Fonti, Nápoles

7

A Fortaleza

2014

Serigrafia e impressão
Injekt sobre papel
fotográfico
100 × 100 cm
Cortesia: Artista e
Galleria Fonti, Nápoles

7

O Templo

2014

Serigrafia e impressão
Injekt sobre papel
fotográfico
100 × 150 cm & 100 × 100 cm
Cortesia Artista e
Galleria Fonti, Nápoles

6

O Palácio de Cristal

2024–2025

Escultura em metal
com base espelhada
280 × 120 × 120 cm
Desenho técnico:
Patrícia Coelho
Execução das peças:
Atelier Kiko Pedras
Cortesia: Artista e
Galleria Fonti, Nápoles

9

A Torre de Vigia

2024–2025

Escultura em metal
com base espelhada
280 × 175 × 175 cm
Desenho técnico:
Patrícia Coelho
Execução das peças:
Atelier Kiko Pedras
Cortesia: Artista e
Galleria Fonti, Nápoles

Série:
Uma Cidade Chamada Miragem

A série de fotografias, serigrafias e esculturas lineares *Uma Cidade Chamada Miragem* é baseada nos sons, desenhos de areia da tradição Lunda Tchokwe, traçados por contadores de histórias enquanto narram fábulas. Verdadeiras construções narrativas, os sons condensam o enredo em linhas efêmeras, numa analogia à natureza transitória das cidades. Kia Henda transpõe essa linguagem para o espaço tridimensional, criando estruturas imaginárias no deserto — esqueletos de edifícios que evocam simultaneamente ruínas e construções em curso. Essas formas ambíguas refletem a miragem no horizonte urbano de muitas cidades, marcadas por projetos inacabados e futuros suspensos, onde progresso e ruína coexistem no mesmo traço.

3
Wall and Politics I
“Somos em África um ponto de referência e um alvo permanente de agressão”
2006
Impressão Injekt em papel Fine Art 70 × 100 cm
Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

3
Wall and Politics II
“O marxismo dá-nos a ideia justa, e a luta dá-nos a vitória”
2006
Impressão Injekt em papel Fine Art 70 × 100 cm
Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

3
Wall and Politics III
“Estamos prontos a esmagar toda tentativa de perturbação da paz no nosso território”
2006
Impressão Injekt em papel Fine Art 70 × 100 cm
Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

3
Wall and Politics IV
“O trabalho é a força motriz do desenvolvimento da sociedade”
2006
Impressão Injekt em papel Fine Art 70 × 100 cm
Cortesia: Artista e Galleria Fonti, Nápoles

Série:
Wall and Politics

Na série fotográfica inicial, *Wall and Politics*, Kiluanji Kia Henda documenta inscrições políticas deixadas nas paredes do Namibe: vestígios de resistência, propaganda e sobrevivência que ainda ecoam a longa Guerra Civil Angolana (1975–2002). Estes fragmentos desvanecidos, muitas vezes retirados da retórica marxista ou de slogans de guerra, refletem a profunda marca das ideologias da Guerra Fria no solo angolano e no espaço público.

Ao voltar o olhar para estas superfícies do quotidiano, Kia Henda transforma a cidade num arquivo frágil, onde a memória, a política e a experiência vivida, gravadas na pedra, convocam um confronto com histórias ainda por resolver.

4
Dor Fantasma
– Uma Carta a Henry A. Kissinger
2020
Vídeo monocal, 8 mins 33 seg
Cortesia: Artista e Goodman Gallery, Johannesburg

Nesta curta-metragem, Kiluanji Kia Henda regressa à rua da sua infância, onde um cinema, uma igreja e um centro ortopédico ainda testemunham a longa Guerra Civil de Angola (1975–2002). Estruturada como uma carta ao antigo Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, a obra liga a memória pessoal aos entrelaçamentos mais amplos da política da Guerra Fria e da intervenção estrangeira. O que se desenrola é ao mesmo tempo íntimo e político: uma reflexão sobre como a intervenção estrangeira deixa cicatrizes duradouras na vida quotidiana e como a memória se torna uma forma de conviver com as feridas inacabadas da história.

11**As Flores do Óleo Queimado**
2025

7 serigrafias e 7 pinturas
com óleo queimado
sobre tecido
100 × 70 × 5 cm (cada)
Cortesia: Artista e
Galleria Fonti, Nápoles

Nesta série de serigrafias sobre algodão cru, flores estampadas com óleo queimado de automóveis revelam a contradição entre natureza e indústria. As espécies representadas evocam os nomes dos principais campos de petróleo em Angola — uma linguagem floral usada para mascarar a violência ecológica do extrativismo, erguido como mito de progresso que oculta a sua própria devastação. O uso do óleo queimado — resíduo tóxico de uma economia dependente do combustível fóssil — não é mero acaso material, mas uma inscrição física do impacto ecológico. Assim, o trabalho opera entre denúncia e elegia: um poema visual em que a beleza e a ruína fundem-se e se contrapõem.

Lilianne Kiame**8****Figura I**

2025
Óleo sobre tela
90 × 90 × 5 cm
Cortesia: Artista e Jahmek
– Contemporary Art, Luanda

8**Figura II**

2025
Óleo sobre tela
130 × 130 × 5 cm
Cortesia: Artista e Jahmek
– Contemporary Art, Luanda

8**Figura III**

2025
Óleo sobre tela
130 × 130 × 5 cm
Cortesia: Artista e Jahmek
– Contemporary Art, Luanda

8**Figura IV**

2025
Óleo sobre tela
200 × 200 × 5 cm
Cortesia: Artista e
Jahmek – Contemporary
Art, Luanda

Série:**Figura I-IV**

Através de uma série de quatro pinturas a óleo, Lilianne Kiame volta-se para locais de construção suspensos a meio do processo: estruturas de aço, betão exposto e vestígios de rede vermelha falam das ambições interrompidas e os ritmos suspensos da economia angolana dominada pelo petróleo, onde a ambição arquitetónica frequentemente dá lugar à estagnação. Partindo de estudos anteriores em guache, Kiame retrata estes espaços com atenção silenciosa, evidenciando como a água, a vegetação e os pássaros começam a reclamar o que foi deixado para trás. Nesta interação indeterminada entre progresso e pausa, as obras refletem sobre a incompletude não apenas como fracasso, mas como limiar, onde o ambiente construído cede a outras temporalidades e formas improvisadas de vida.

Flávio Cardoso**2****O Resto é Silêncio II**

2025
Impressão Injekt
em papel Fine Art mate
140 × 90 cm
Cortesia: Artista

2**O Resto é Silêncio I**

2025
Impressão Injekt
em papel Fine Art mate
70 × 46 cm
Cortesia: Artista

Série:**O Resto é Silêncio**

A série fotográfica de Flávio Cardoso, *O Resto é Silêncio*, documenta secções do Corredor do Lobito, a linha ferroviária que liga a costa atlântica de Angola à Província de Katanga, na República Democrática do Congo. Focando-se no troço entre Benguela e os planaltos centrais de Angola, em Huambo, Cardoso capta caminhos de ferro em desuso, fábricas abandonadas e outras marcas materiais da infraestrutura da era colonial. Originalmente construídas para servir à exportação de matérias-primas, estas estruturas encontram-se agora degradadas, testemunhas silenciosas do conflito, do abandono e da transição económica. Através de uma composição cuidada e de uma atenção à atmosfera, Cardoso revela paisagens industriais suspensas entre passados extrativos e futuros incertos, onde a ferrugem, a ruína e o silêncio mantêm viva a memória.

5 **Arqueologia de Futuros Passados**

2019-2025

15 impressões Injekt em papel Fine Art mate 60 × 40 cm (cada)
Cortesia: Artista

No segundo movimento da trilogia de obras aqui apresentadas, Flávio Cardoso alterna entre a observação de infraestruturas em degradação e a construção de versões em miniatura das suas próprias. Utilizando aparelhos eletrônicos descartados e detritos plásticos recolhidos ao longo da costa, ele encena cenas industriais frágeis: grelhas, recintos e circuitos partidos que espelham a lógica espacial das fábricas abandonadas vistas ao longo do Corredor do Lobito. Ao combinar a decadência do mundo real com formas imaginadas, Cardoso explora como tanto a tecnologia como a indústria surgem, colapsam e recomeçam. Nestes trabalhos, a degradação torna-se uma forma de registar o tempo, mostrando que, mesmo na desintegração, algo do passado permanece.

10

A Testemunha Final

2025

Impressão Injekt em papel Fine Art mate 60 × 40 cm
Cortesia: Artista

Como epílogo de um ensaio visual sobre destruição, decadência e ciclos interrompidos, Flávio Cardoso apresenta uma imagem final de

duas corujas a ocupar um matadouro industrial abandonado em Huambo. Captadas na penumbra, a sua presença evoca simultaneamente o recuo da atividade humana e o retorno do mundo natural. Estas criaturas, silenciosas e vigilantes, habitam um espaço outrora marcado pela morte mecânica. O seu olhar reflexivo oferece uma perspetiva não-humana sobre as ruínas que deixamos para trás, tornando-se guardiãs de um lugar esquecido e testemunhas de uma era moldada por sistemas de eficiência, controlo e colapso.

Raul Jorge Gourgel

1

Estudo De Uma Bandeira 2022-2025

Escultura em madeira Lenha, cola de madeira e pregos metálicos 120 × 180 × 30 cm (aprox.)
Cortesia: Artista

Abrindo a exposição, Raul Jorge Gourgel convida-nos a regressar ao solo em Angola — enquanto matéria física e lugar de memória, contestação e possibilidade. Nesta instalação, Gourgel encena lenha para explorar a bandeira como objeto e como recipiente afetivo. A partir de uma memória de infância marcante, traça-se o modo como um material comum é transformado num portador de ensinamento, lealdade e emoção.

Ao mover-se entre a recordação pessoal e o simbolismo coletivo, a obra revela a bandeira não como um ícone fixo, mas como uma superfície mutável — simultaneamente íntima e institucional, frágil e carregada — mas sempre aberta à reinterpretção.

12

O Primeiro Voo de uma Avestruz 2023

Vídeo monocal 5 min 55 sec
Instalação com mesa de madeira, azeite “de unção”, taça de vidro, veludo, velas em castiçais
Cortesia: Artista

Como nota de encerramento da exposição, esta instalação mostra Raul Jorge Gourgel a prender cintos de desfile de bandeiras à volta do corpo, até que a linha entre nação e indivíduo se desvanece. Esta performance reflete como as ideias de identidade angolana, moldadas após a independência e durante a Guerra Civil Angolana (1975-2002), foram sempre imaginadas, mas nunca plenamente definidas. Ao oscilar entre a força e a vulnerabilidade, Gourgel explora a identidade como algo performativo, esticado e inacabado. A obra afirma-se simultaneamente como um ato de encarnação e de luto, ampliando a reflexão sobre o entrelaçamento e a evolução dos símbolos nacionais e das experiências pessoais.

Recursions: a cartography of unfinished grounds

Curated by **Margarida Waco** and **Kiluanji Kia Henda**

**Kiluanji
Kia
Henda**

with **Flávio Cardoso,**
Lilianne Kiame & Raul Jorge Gourgel

Recursions: a cartography of unfinished grounds centres on the dialogue between the work of Kiluanji Kia Henda and three Angolan artists—Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel—in order to reflect on the promises, failures, and ruins of modernity.

The exhibition is structured around the idea of recursion: an organic process of return that encompasses past, present and future, marked by recurrent, unfinished, and constantly shifting movements. With strong ties to territory and landscape, the works trace cycles of memory and speculation, proposing Angola as a living archive of collective imagination.

Through different languages such as photography, painting, installation, video, and performance—**Recursions** offers a map that analyses the current impact of colonial legacies. Moving beyond fixed historical narratives, the exhibition presents itself as a provisional compass, locating a territory with unstable contours from which new horizons may emerge.

Public Programme

15.11.2025 — 17:00

Opening

16.11.2025

Guided Tours

15:00 — with Margarida Waco (EN)

16:00 — with Kiluanji Kia Henda (PT)

31.01.2026 — 11:00 — Fonoteca Municipal do Porto

Active Listening

with Kalaf Epalanga

31.01.2026 — 15:00

Presentation

Anti-Racist Handbook for Arts and Education

with UNA – União Negra das Artes [Black Union for the Arts]

14.02.2026 — 17:00

Dj set by Nazar

Guided Tours

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(Saturday) — 16:00

How many futures died in the past?

This question arose when I, back in 2024, received an invitation from Galeria Municipal do Porto to hold a solo exhibition. Rather than presenting a solo project, I turned the invitation into a provocation and a greater challenge: could this space host a multiplicity of voices, languages, and temporalities? From this impulse emerged *Recursions*, a group exhibition and a curatorial project developed in collaboration with architect and researcher Margarida Waco, whose work turns to the material and ideological processes that shape and reshape the Congo Basin – the region to which parts of what is considered present-day Angola belong.

This exhibition prompts a recognition that I have always been interested in: the power of art to traverse temporalities. The ability to detach ourselves from the present, investigate the past, and project futures is a constant challenge, especially in the context of societies still marked by colonial experience and where historical memory has been fractured, eroded, and selectively silenced. Societies that, to this day, remain weakened by the lack of infrastructure and policies capable of creating effective access to historical knowledge.

I was compelled to explore a territory from a perspective and a concept that goes beyond the notion of a nation-state. I therefore decided to enter into dialogue with fellow Angolan artists, friends, and colleagues: Flávio Cardoso, Lilianne Kiame e Raul Jorge Gourgel. Together, we wanted to approach territory as a space of historical layers, displacements, and intersections, where ideas circulate and transform, and not simply as a cartographic boundary established by a colonial treaty. It is in this fluid space that new forms of relationship between memory, politics, and imagination are experimented with.

By bringing together artists with different experiences and languages, the exhibition aims to create dialogues that challenge official narratives, in which the elements that symbolize sovereignty are manipulated, in order to question universal values, by exploring artistic practice as a space for critique and poetry, capable of rescuing the audience from collective amnesia. The exhibition thus becomes a space where the archive is not just a repository, but a living organism in constant mutation. Each work on display is an attempt to rewrite the map—not only geographically, but also mentally and emotionally—of a territory in constant reinvention, where distinct periods of history intertwine and where multiple tragedies lead us to new beginnings. What has emerged is not simply an exhibition but a space for critical and affective speculation.

Kiluanji Kia Henda

To speak of recursion is not simply to speak of return.

Return implies circling back, a movement toward an origin. Recursion, by contract, names something more insistent, more unruly. It suggests repetition with difference, patterns that reappear altered, refracted, never quite the same. Recursion, in this sense, becomes both analytic and praxis: a way of re-entering the present by returning to the unfinished workings of the past, and a way of seeing how histories resurface and endure, not as fixed inheritances, but as sedimentations, interruptions, and mutated processes that remain active in the now.

Taking this persistence as its curatorial premise, “Recursions: A Cartography of Unfinished Grounds” follows the cycles of continuities and discontinuities that make and unmake Angola, past and present. It does so not to affirm linear causality, but to attend to what I call a “logic of reappearance,” that is, the ways conquest and empire, modernity’s landscapes and theatrics, stubbornly return across shifting times, scales, and sets of techniques. Crucially, recursion here steers our attention to the ground as a site of historical inscription. As matter, as terrain of memory, as stage for projection, and as condition for possibility. It names a praxis attuned to the simultaneity of times, inviting us to consider how colonial-imperial abstractions are encoded and cited in today’s extractions; how post-independence nation-building collapses into ongoing struggles, and how structural inheritances continue to structure contemporary Angola lifeworlds. While the exhibition locates its primary coordinates in Angola, its horizons inevitably turn outward, toward relation, and to broader questions about the afterlives of empire, the politics of ruins, and how to inhabit worlds where futures, repeatedly interrupted, can be imagined otherwise.

As such, “Recursions” gathers four contemporary Angolan artists—Kiluanji Kia Henda, Flávio Cardoso, Lilianne Kiame, and Raul Jorge Gourgel—whose works move within and against the paradoxes of shifting modernities: their promises, their failures, and their restless afterlives. Through photography, film, sculpture, installations, and paintings, the exhibition assembles a map without fixity. It intersects artistic, architectural, and investigative practices to test new coordinates for collective imagination, while asking what forms of attention are needed to stay with the unfinished as possibility.

At the center of this return stand the works of **Kiluanji Kia Henda**, whose prints, films, and sculptures unsettle the architectures of progress. Kia Henda locates the memory-work of ruins: unstable and fragmentary. From the Namib desert to facades scarred by decades of armed conflict, his images oscillate between the intimate and political, between apparition and disappearance, permanence and transience. Where colonial ambition gives way to decay, speculative skylines dissolve into sand, and city walls turn into records of civil war, foreign intervention, and propaganda, his works reckon with progress as inherently precarious and fraught. In these spaces, history lives as much in those counter-archives that press against state-sanctioned narratives. From this ground, the exhibition extends outward, unfolding in dialogue.

Turning his lens to fragments, **Flávio Cardoso** maps residual landscapes of technological modernity. His practice traces an itinerary across shorelines littered with electronic waste, circuitry carried by the tide, and deserted factories that line the Lobito Corridor, the historic railway stretch connecting the port of Lobito in Angola to the Katanga Province in the D.R. Congo. Once built to anchor imperial ambitions, later overtaken by time and neglect, these vast

infrastructures become sites where temporalities collapse. They pull together past and future, discard and possibility, to reassemble material evidence of obsolescence back into a history. It is in rust, ruin, and silence that Cardoso locates his point of departure to reanimate new constellations and connections from debris, insisting to us that what remains can still generate.

Where Kia Henda and Cardoso reveal collapse and decay, **Lilianne Kiame** paints through suspension and the unfinished architectures of Angola's oil boom: from sun-bleached skeletal towers halted mid-construction, to hollow glass shells, scaffolds frozen against the sky, and prefabricated concrete slabs awaiting their cover. Once celebrated as monuments to prosperity, these skeletal forms now stand as reminders of unfulfilled futures, of evaporated investments, and of promises withheld as they bear witness to the volatility of extractive capital. However, instead of settling into mourning, Kiame's paintings register suspension as threshold. In this indeterminate space between progress and abandonment, she recasts incompleteness as opening, where frozen scaffolds and concrete skeletons appear as material invitations to rehearse other rhythms and improvised forms of life.

If Kiame and Cardoso engage suspension and debris, **Raul Jorge Gourgel** turns to ritual, to fire, to the body. Their installations summon objects, emblems, and symbols tied to nationhood and the transmutation of *Angolanidade*, only to render them fragile and combustible. At once intimate and institutional, fragile and charged, these confluences of self and nation become affective vessels for reinterpretation and contestation. Through performance, Gourgel stages their ignition to interrogate inheritance as something strained and unfinished, asking what should be preserved and transmitted,

what must be released, and how national identity might be tended to as a volatile, ongoing negotiation.

Across these four practices, "Re-cursions" collapses timescapes, inviting us to revisit the hauntings structured by difference, yet restaged under new terms and conditions. It reactivates narratives left dormant, not as footnotes or citations, but as rhythm and breath. This is recursion at work: an interlocking of presents, pasts, and futures that retain their depths of other presents, pasts, and futures – each bearing, altering, and maintaining the previous ones, to echo Achille Mbembe. And so, to inhabit ruins, suspensions, fragments, and combustions is to apprehend incompleteness as presence shaping the possibilities for life in its multiple forms and constellations. Incompletion here points to a set of coordinates for new orientations: those that propel a reckoning with the unresolved, unsettled, and open-ended, while we reach for horizons and uncharted futures still in the making. Not despite, but *though*, the unfinished.

Margarida Waco

Flávio Cardoso

Flávio Cardoso grew up in Luanda, Angola surrounded by the early cyber worlds of dial-up internet, video games, and satellite TV. During the 1992 massacre in Luanda, his father brought home an old IBM PC to keep him indoors—an encounter that sparked his fascination with technology. Trained as a software developer, Cardoso worked in engineering before turning to photography as a way to confront feelings of estrangement from his environment. What began as a hobby evolved into a full-time artistic practice, where he explores the intersections of technology, alienation, and colonial legacies. Working with photography, video, color, and immersive installations, Cardoso reflects on the effects of algorithmic governance and technocratic landscapes. His work continues to expand through residencies and collective exhibitions across Angola, Cabo Verde, and Nigeria.

Kiluanji Kia Henda

Kiluanji Kia Henda lives and works in his hometown of Luanda, Angola. His artistic practice spans photography, video, performance, installation, and music, using art as a means to construct and reinterpret history. Through fictional narratives, Kia Henda repositions historical events within new contexts and temporalities, reflecting on identity, politics, and imaginaries of modernity in Africa. His work offers alternative readings of the past and opens up space for possible futures, turning art into a territory for critical thinking on memory, power, and social transformation. Kiluanji Kia Henda's work has been presented in major international institutions and events, including the 60th Venice Biennale, Centre Georges Pompidou, Migros Museum, International Film Festival of Rotterdam, 2nd Lubumbashi Biennale, 12th Gwangju Biennale, Tate Modern (London), Guggenheim Museum (Bilbao), 3rd New Museum Triennial

(New York), 11th Dakar Biennale, Bergen Assembly, Museo Tamayo (Mexico City), 29th São Paulo Biennale, and the Luanda Triennial, among others.

Lilianne Kiame

Lilianne Kiame was born in Luanda, Angola. Working across painting, sculpture, and installation, her practice weaves historical and cultural narratives to examine exploitation, extractivism, and the socio-economic realities shaping contemporary Angola. Kiame's recent solo presentation, *Land for Sale* (Investec Cape Town Art Fair, 2025), brought together painting and sculpture to question land ownership and resource extraction. Her work has been included in *Artists for a New Tomorrow* (Jahmek Contemporary, Luanda, 2022), *Chibinda Ilunga, Places of Belonging* (Humboldt Forum, Berlin; Anthropology Museum, Luanda, 2022), and *Open Studio – Art School Alliance* (Karolinenstrasse, Hamburg, 2024). Kiame also contributed to the Forward Art Stories Collection with a commission for the collective exhibition *Visions of the Ephemeral*. In 2024, Kiame was a researcher-in-residence at Hochschule für Bildende Künste Hamburg, leading a course on space-making and light. Currently, Kiame is the production designer for the Angolan sci-fi film 'Hold Time for Me', further expanding her multidisciplinary approach to storytelling.

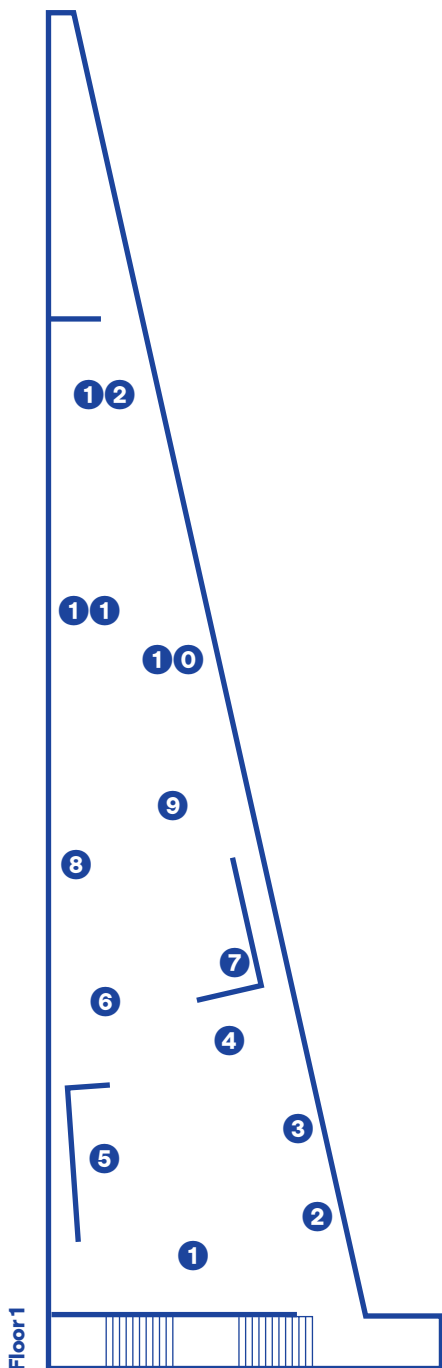
Margarida Waco

Margarida Waco is an architect, writer, and currently a doctoral candidate at the Institute for the History and Theory of Architecture (gta) at ETH Zürich, Switzerland. She has recently served as the Head of Strategic Outreach of The Funambulist, directed and taught an architectural design studio at the Royal College of Art in London, and has practiced in architectural offices across Copenhagen, Paris, and Stockholm. Waco's works have been exhibited and presented at the 18th Venice Architecture Biennale, Architekturmuseum der TUM, Palais de Tokyo, Nyansapo Afrofeminist Festival, Malmö Art Museum, Form/Design Center, MAM – Mês da Arquitetura da Maia, and her writings have appeared in *Afterall*, *Archive of Forgetfulness*, *e-flux*, *Ellipses Journal of Creative Research*, *STOA Journal*, *Aprender a desaprender* (Dafne Editora, 2024), among others. Waco has co-edited a number of publications, including *Rehearsals: Toward an Economy of Care and Repair* (2025), *Homeplace – A Love Letter* (Architekturmuseum der TUM, 2023), *Pan-Africanism* (The Funambulist, 2020), and co-authored *Informal Horizons: Urban Development and Land Rights in East Africa* (Royal Danish Academy, 2019).

Raul Jorge Gourgel

Raul Jorge Gourgel is a multidisciplinary artist and researcher currently working between Luanda and Cape Town. Born in Luanda in 1999, 3 years before the end of the Angolan “civil” war, they grew up as the nation reconfigured itself and recovered from decades of conflict. Raised by a single mother within a family rooted in revolutionary nationalism, they were immersed in the narratives of nationhood and of the war that shaped the societal memory of their childhood, as Angola grappled with its collective trauma. Their practice emerges from a dialogue between this formative experience and a profound interest in processes that foster collectivized ways of being and knowing. Gourgel is interested in the gap between Land and Nation, along with the tensions and constant effort to bridge them. Their work is concerned with understanding trauma, dissecting how the construct of the Nation informs collective identity, and in turn, shapes the individual's existential vocabulary. This entails a continuous revisiting of historical and contemporary moments through both personal and collective experience.





Kiluanji Kia Henda

7

The Palace of Abstract Power

2014

Silkscreen & Injekt print
on photographic paper
100 × 100 cm

Courtesy: Artist and
Galleria Fonti, Nápoles

7

The Fortress

2014

Silkscreen & Injekt print
on photographic paper
100 × 100 cm

Courtesy: Artist and
Galleria Fonti, Nápoles

7

The Temple

2014

Silkscreen & Injekt print
on photographic paper
100 × 150 cm & 100 × 100 cm

Courtesy: Artist and
Galleria Fonti, Nápoles

6

The Crystal Palace

2024–2025

Metal sculpture with
mirrored base

280 × 120 × 120 cm

Technical drawing:

Patrícia Coelho

Production of the pieces:

Atelier Kiko Pedras

Courtesy: Artist and

Galleria Fonti, Nápoles

9

The Watchtower

2024–2025

Metal sculpture with
mirrored base

280 × 175 × 175 cm

Technical drawing:

Patrícia Coelho

Production of the pieces:

Atelier Kiko Pedras

Courtesy: Artist and

Galleria Fonti, Nápoles

Series:

A City Called Mirage

The series of photographs, screen prints, and linear sculptures *A City Called Mirage* is based on the sona, sand drawings from the Lunda Tchokwe tradition, traced by storytellers as they narrate fables. These are true narrative constructions, where the plot is condensed into ephemeral lines—an analogy to the transient nature of cities. Kia Henda translates this visual language into three-dimensional space, creating imaginary structures in the desert—skeletal buildings that evoke both ruins and works in progress. These ambiguous forms reflect the mirage on the urban horizon of many cities, marked by unfinished projects and suspended futures, where progress and decay coexist within the same line.

③

Wall and Politics I

“We are in Africa a reference point, and a permanent target of aggression”

2006

Injekt print on Fine Art paper

70 × 100 cm

Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

③

Wall and Politics II

“The Marxism gives us the fair idea, and the struggle gives us the victory”

2006

Injekt print on Fine Art paper

70 × 100 cm

Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

③

Wall and Politics III

“We are ready to smash any attempt to disrupt peace in our territory”

2006

Injekt print on Fine Art paper

70 × 100 cm

Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

③

Wall and Politics IV

“Work is the power engine of society’s development”

2006

Injekt print on Fine Art paper

70 × 100 cm

Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

Series:

Wall and Politics

In this early photographic series, *Wall and Politics*, Kiluanji Kia Henda documents political inscriptions left on the walls of Namibe: traces of resistance, propaganda, and survival that still echo Angola’s long civil war (1975–2002). These faded fragments, often drawn from Marxist rhetoric or wartime slogans, reflect the deep imprint of Cold War ideologies on Angolan soil and public space.

By turning toward these everyday surfaces, Kia Henda transforms the city into a fragile archive, where memory, politics, and lived experience written into stone invite a reckoning with histories still unresolved.

④

Phantom Pain

– A Letter to Henry Kissinger

2020

Single channel video, 8 mins 33 sec

Courtesy: Artist and Goodman Gallery, Johannesburg

In this short film, Kiluanji Kia Henda returns to the street of his childhood, where a cinema, a church, and an orthopaedic centre still bear witness to Angola’s long civil war (1975–2002). Framed as a letter to former U.S. Secretary of State Henry Kissinger, the work connects personal memory to the wider entanglements of Cold War politics and foreign intervention. What unfolds is both intimate and political: a reflection on how foreign intervention leaves lasting scars on everyday life, and how memory becomes a way of living with history’s unfinished wounds.

11**The Flowers of Burnt Oil**

2025

7 screen prints and 7 paintings with burnt oil on textile
100 × 70 × 5 cm (each)
Courtesy: Artist and Galleria Fonti, Nápoles

In this series of screen prints on raw cotton, flowers printed with burnt automotive oil reveal the contradiction between nature and industry. The depicted species evoke the names of Angola's main oil fields—a floral language used to mask the ecological violence of extractivism, upheld as a myth of progress that conceals its own devastation. The use of burnt oil—a toxic residue from an economy dependent on fossil fuels—is not a mere material coincidence, but a physical inscription of ecological impact. Thus, the work operates between denunciation and elegy: a visual poem in which beauty and ruin merge and oppose each other.

Lilianne Kiame**8****Figure I**

2025

Oil on canvas
90 × 90 × 5 cm
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

8**Figure II**

2025

Oil on canvas
130 × 130 × 5 cm
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

8**Figure III**

2025

Oil on canvas
130 × 130 × 5 cm
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

8**Figure IV**

2025

Oil on canvas
200 × 200 × 5 cm
Courtesy: Artist and Jahmek – Contemporary Art, Luanda

Series:**Figure I-IV**

Through a series of four oil paintings, Lilianne Kiame turns to construction sites suspended mid-process: Steel scaffolding, exposed concrete, and traces of red mesh speak to ambitions halted and the interrupted rhythms of Angola's oil-driven economy, where architectural ambition often gives way to stillness. Drawing from earlier gouache studies, Kiame renders these spaces with quiet attention, tracing how water, vegetation, and birds begin to reclaim what was left behind. In this interplay between progress and pause, the works reflect on incompleteness as threshold, where the built environment yields to other temporalities and improvised forms of life.

Flávio Cardoso**2****The Rest is Silence II**

2025

Injekt print on fine art matte paper
140 × 90 cm
Courtesy: Artist

2**The Rest is Silence I**

2025

Injekt print on Fine Art matte paper
70 × 46 cm
Courtesy: Artist

Series:**The Rest is Silence**

Flávio Cardoso's photographic series, *The Rest is Silence*, documents sections of the Lobito Corridor, the railway line connecting Angola's Atlantic coast to the Katanga Province in the D.R. Congo. Focusing on the stretch between Benguela and Angola's central highlands in Huambo, Cardoso captures disused railways, abandoned factories, and other material traces of colonial-era infrastructure. Originally built to serve the export of raw materials, these structures now stand in disrepair as quiet witnesses to conflict, neglect, and economic transition. Through careful composition and attention to atmosphere, Cardoso reveals industrial landscapes suspended between extractive pasts and uncertain futures, where rust, ruin, and silence hold memory in place.

5

Archeology of Former Futures

2019–2025

15 injekt prints on Fine Art matte paper

60 × 40 cm (each)

Courtesy: Artist

In the second movement of the trilogy of works presented here, Flávio Cardoso shifts between observing decaying infrastructures to constructing miniature versions of his own. Using discarded electronics and plastic debris collected along the shore, he stages fragile industrial scenes: grids, enclosures, and broken circuits that mirror the spatial logic of the abandoned factories seen along the Lobito Corridor. By combining real-world decay with imagined forms, Cardoso explores how both technology and industry rise, break down, and begin again. In these works, decay becomes a way of recording time, showing that even in disintegration, something of the past remains.

10

The Final Witness

2025

Injekt print on Fine Art

matte paper

60 × 40 cm

Courtesy: Artist

As a closing note to a visual essay on destruction, decay, and broken cycles, Flávio Cardoso presents a final image of two owls occupying an abandoned industrial slaughterhouse in Huambo. Captured in near-darkness, their presence suggests both the retreat of human

activity and the return of the natural world. These creatures, silent and watchful, inhabit a space once defined by mechanical death. Their reflective gaze offers a non-human perspective to the ruins we leave behind, becoming guardians of a forgotten place and witnesses to an era shaped by systems of efficiency, control, and collapse.

Raul Jorge Gourgel

1

Study of a Flag

2022–2025

Sculpture in wood

Firewood, wood glue

and metal nails

120 × 180 × 30 cm (aprox.)

Courtesy: Artist

Opening the exhibition, Raul Jorge Gourgel invites us to return to the ground in Angola, as physical matter and a place of memory, contestation, and possibility. In this installation, Gourgel stages firewood to explore the flag as both object and affective vessel. Drawing from a pivotal childhood memory, they trace how an ordinary material is transformed into a carrier of instruction, allegiance, and emotion. In moving between personal recollection and collective symbolism, the work reveals the flag not as a fixed icon but as a mutable surface, at once intimate and institutional, fragile and charged, but always open to reinterpretation.

12

An Ostrich Learns to Fly

2023

Single channel video

5 min 55 sec

Installation with wooden

table, 'anointing' oil,

glass bowl, velvet,

candles in candlesticks

Courtesy: Artist

As a closing note, this installation sees Raul Jorge Gourgel strap parade flag belts around their body until the line between nation and self fades. This performance reflects how ideas of Angolan identity, shaped after independence and during the Angolan Civil War (1975–2002), were always imagined but never fully settled. In moving between strength and vulnerability, Gourgel explores identity as something performed, stretched, and unfinished. The work stands as both an act of embodiment and an act of mourning, expanding the conversation about how national symbols and personal histories intertwine and evolve.





Estado de espírito

Curadoria João Laia

**Mariana
Caló**

e

**Francisco
Queimadela**

Ao longo de mais de quinze anos, Mariana Caló e Francisco Queimadela têm explorado o filme e o vídeo, recorrendo a técnicas analógicas e digitais, assim como à fotografia, ao desenho e à escultura, para formular, na sua prática artística, um abraço amplo das histórias do cinema e da cultura visual.

Estado de espírito reúne uma vasta seleção de obras, incluindo trabalhos inéditos, que tem como fio condutor a ideia de comunidade, que na perspetiva da dupla resulta do diálogo entre cultura e natureza. Dinâmicas sociais como costumes, crenças, hábitos e ritos relacionados com as estações do ano, o trabalho no campo, a família ou a oralidade e a espiritualidade ancestrais levam a dupla a criar imagens que oscilam entre luz e sombra, como fábulas que retratam o carácter efémero e transitório da vida.

Enquanto recorte do universo de Caló e Queimadela, **Estado de espírito** é um ambiente imersivo próximo do sonho, que documenta a magia inerente às várias possibilidades vividas e imaginadas do quotidiano. A exposição surge como um palco onde se encenam exercícios de devoção, memória e prazer. É uma prova de resistência delicada e suave que encontra força em detalhes e gestos perdidos na voragem dos dias; um convite a desacelerar ritmos vorazes de consumo para praticar um afeto sensível ao que parecemos ter esquecido.

Estado de espírito é a mais ampla apresentação do trabalho de Mariana Caló e Francisco Queimadela.

Programa Público

15.11.2025 — 17:00

Inauguração

22.11.2025 — 15:00

Visita Guiada

com Mariana Caló e Francisco Queimadela

17.01.2026 — 15:00

Concha Acústica, Jardins do Palácio de Cristal

Apresentação de Mural Coletivo

17.01.2026 — 17:00

Capela Carlos Alberto, Jardins do Palácio de Cristal

Sessão de Escuta

com Quarto Mundo

29.01.2026 — 19:00

Conferência

Uma visão cósmica do capitalismo tardio por Joel Vacheron

Visitas Guiadas

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(sábado) — 15:00



Sonho com estas imagens. São elas que me dão de beber e me acariciam o pêlo.

Examino as flores e comove-me o labor das abelhas. Construir um princípio vivo.

Preciso das tuas mãos que me desenham pistas no dorso e formam carreirinhos com o futuro das pedras. Costumas pensar no futuro das pedras?

Durmo ao relento e à noite os meus olhos cobrem-se de imagens que me tingem os sonhos: a candura da neve. Cão, criança, abelha, ruína, pedra, pau, fogo, folha. Asa de borboleta a enumerar hipóteses. A minha cauda a fazer perguntas. Que será de nós sem Clorofila, a menina com braços de árvore que ninguém compreendia?

Com esta pata invento geografias amorosas. Verter leite morno na forma do desejo e assistir ao desaguar desta imagem no riacho onde os humanos perdem o rosto porque não se reconhecem na transpiração da água. Vês? A nossa língua é o depois.

Deixa o insecto pousar-te na mão e descobrir o teu mapa secreto de constelações. Nelas intuis a idade dos astros e eu comparo-a com a dos humanos. Peço-te: deixa-me ser o aprendiz do vulcão e curar as feridas da terra como os antigos. Fazer poções com mel e água da chuva e dormir ao ouvido do vento. Ser círculo e Serpente. Sonhar no sono do Outro.

Vejo luzes e sombras e a forma de seres à espera para serem reconhecidos. Às vezes sou uma imagem mas tenho um princípio próprio. Como reconhecer o mutante? — Perguntas.

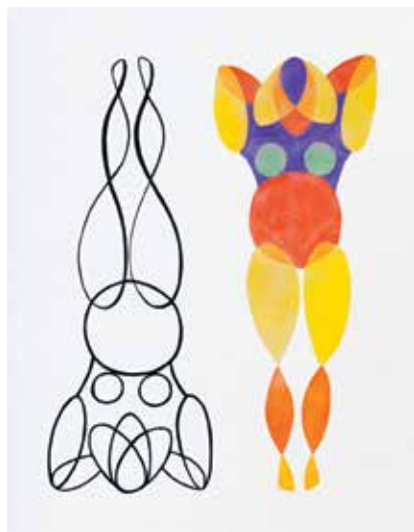
Avanço por este fio de água que me recorda o início. Viver inteiro no vermelho, saber sem conhecer. Seguir um rasto de afecto vidente. A criança a escavar passagens secretas na boca dos animais. Devíamos jogar com as sombras e arriscar cartografar mapas sensíveis. Ensaiar cicatrizes no colo celeste da neblina da antemanhã e largar na terra as sementes distintas da imaginação.

E depois, como em outrora, abrir os olhos e chamar por alguém

Rita Anuar

**Mariana Caló e
Francisco Queimadela**

Mariana Caló e Francisco Queimadela vivem e trabalham no Porto e colaboram enquanto dupla desde 2010. A sua prática é desenvolvida através de um uso privilegiado da imagem em movimento tanto através da realização de filmes, como na intersecção com ambientes instalativos e site-specific, em conjugação com desenho, pintura, fotografia ou escultura. No seu trabalho artístico expressam recorrentemente o interesse pelo diálogo entre o biológico, o vernacular e o cultural.

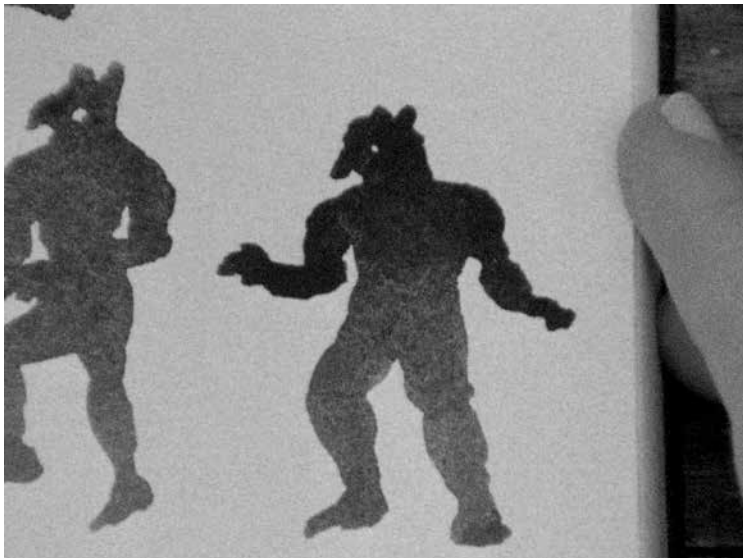


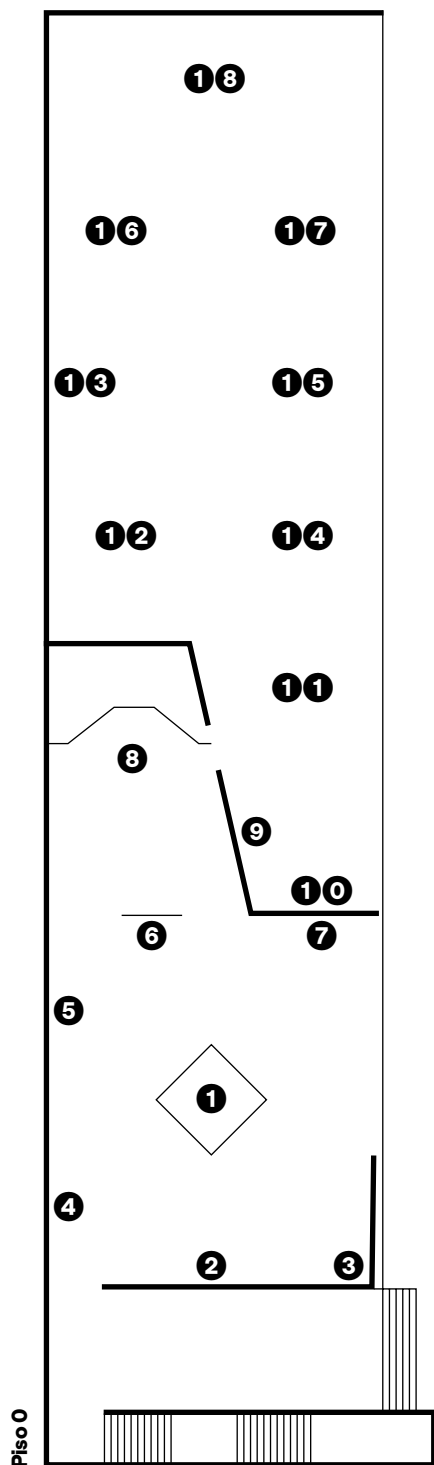
Pino Invertido / Headstand, 2020



Subir e Sumir / Rise and Disappear, 2022

Livro da Sede — Diabretes / The Book of Thirst — Devils, 2015





1 Sala da Memória para Corpo Radial

Estrutura tridimensional
em madeira e painéis
de seda pintados à mão
343 x 343 x 295 cm
Coleção de Arte
Contemporânea do Estado

Esta instalação partiu de uma serigrafia produzida pelos artistas em 2013 inspirada nas gravuras dos “Teatros de Memória” de Robert Fludd (1574–1637). Através de uma estrutura arquitetônica de luz e cor, os artistas criam um espaço de relação íntima e imersiva com as obras. Ao habitar este lugar imaginário, o visitante torna-se agente ativo, potencialmente radial, num campo de relações com as imagens à sua volta, movendo-se entre introspecção e expansão, entre a sua própria memória e a abertura sensorial para o cosmos.

②
(esq. — dir.)

Vegetal de luz
2021
Serigrafia
25 x 65 cm

Pino Invertido
2020
Serigrafía
50 x 65 cm

Alvor
2020
Serigrafia
65 x 50 cm

Borboletas, calor e luz
2021
Guache sobre papel
30 x 40 cm

2021
Guache sobre papel
30 x 40 cm

Estrela

2020
Serigrafia
56 × 76 cm

Extraterrestre

2020
Serigrafia
56 × 76 cm

Vénus

2020
Serigrafia
56 × 76 cm

Espantos

2020
Guache sobre papel
35 × 50 cm

Disco Celeste

2020
Guache sobre papel
35 × 50 cm

Leitante forma de ar

2021
Serigrafia
50 × 65 cm

Conjunto de desenhos realizados entre 2020 e 2021 que prolongam, no plano bidimensional, o universo simbólico da instalação *Sala da Memória para Corpo Radial*. Criados em serigrafia e guache sobre papel, apresentam-se como coreografias visuais e composições gestuais que exploram relações entre forma e cor.

3**Leite transbordante**

2019
Filme 16 mm transferido para vídeo HD, PB, som, 4'47", loop

Na imagem fílmica de uma cafeteira onde o leite ferve e extravasa, surge o reflexo de uma mulher. Num ciclo hipnótico, a imagem visível do leite a derramar e o

gesto de uma pessoa que o socorre, confundem-se. Estamos presos na dualidade sensorial e emocional, entre o derrame voluptuoso do leite e o grito silencioso de um reflexo, que transformam um gesto doméstico em imagem de sonho e de memória.

4**A trama e o círculo**

2014
Pintura em guache
120 × 78 cm

A pintura em guache *A trama e o círculo* foi realizada para o filme homónimo de 2014. Desenvolvida pela dupla de artistas ao longo de vários meses, esta curta-metragem foi o resultado de uma recolha de várias ações do quotidiano: do labor a práticas lúdicas, baseadas no conhecimento empírico. Este desenho abstrato sugere a imagem de um mapa ou de uma trama que descreve a cadeia de gestos que acompanhamos ao longo do filme.

5**Lua e Hippie**

2025
Fotografias a cores em médio formato, impressão Fine Art
67 × 57 cm

Lua e Hippie é uma série de doze fotografias que retrata diferentes poses simétricas de dois coelhos anões. Entre o registo documental e o gesto performativo, este trabalho fotográfico explora a relação entre a quietude do corpo animal e a presença do olhar humano.

6**Tijoleira Marciana**

2015
Filme 16mm transferido para vídeo, 3'00"

Em *Tijoleira Marciana*, imagens em movimento exploram as manchas, fungos e pequenos seres existentes que habitam uma parede de terracota. A superfície transforma-se numa paisagem imaginária, onde o detalhe microscópico revela a vitalidade da matéria. O filme propõe uma deriva sensorial pela relação entre matéria, percepção e o pulsar de diferentes escalas e habitantes.

7**Livro da Sede — Diabretes**

2015
Filme 16mm transferido para vídeo, 2'44"

Livro da Sede explora o imaginário entre o humano e o animal, o instinto e o ritual. Através da sobreposição de desenho e fotografia, os artistas refletem sobre a relação entre sede e curiosidade, enquanto referências ao impulso vital e desejo de conhecimento. *Livro da Sede — Diabretes* reúne uma série de desenhos de figuras demoníacas em diferentes poses antropomorfizadas, dissolvendo fronteiras entre corpo e natureza, humano e besta.

Domesticar há Milénios

2019
Filme 16mm transferido para vídeo, cor, som, 6'00"
Coleção Municipal de Arte do Porto

Em *Domesticar há Milénios*, uma criança amassa o pão com mansidão elementar.

Ocorre uma transferência entre o alimento primário e sua natureza alegórica. Há uma associação entre a aparência bravia dos seres esculpidos nos capitéis de uma igreja e as suas expressões de natureza infantil. Indefinição da pedra gasta e da iconografia de difícil explicação, semelhança entre figuras em pão e em pedra.

8 **Sinais de Fumo** 2020—2025

Instalação multicanal

Sinais de Fumo é um dispositivo multicanal que reúne vários filmes e imagens projetadas, produzidas em contextos e proveniências distintas. A partir desta articulação, a obra apresenta-se como um atlas de imagens em movimento, formando um aparato discursivo onde diferentes temporalidades e territórios se cruzam. Nesta ocasião é apresentado um conjunto de filmagens realizadas durante a Queima do Galheiro, prática que tem lugar na freguesia de Fradelos, pela altura do Carnaval. O título — *Sinais de Fumo* —, convoca o imaginário ancestral das técnicas através do fogo, evocando o desejo dos artistas em explorar outros modos e formas de comunicação que vão para além dos cânones estabelecidos. Através da simultaneidade das imagens em movimento, surgem outras possibilidades de interpretar e traduzir o real.

9 **Sombras Levitantes** 2022

Acrílico sobre tela
70 x 120 cm

Carma Invertido 2025

Acrílico sobre tela
70 x 120 cm

Sombras Levitantes e *Carma Invertido* evocam formas em suspensão que exploram o diálogo entre corpo e luz. Da sombra ao gesto pictórico, as diferentes figuras fluidas revelam uma coreografia silenciosa, onde desenho e movimento se fundem.

10 **Águas e Espelhos** 2022

Filme 16mm transferido para vídeo,
4:3, cor, som, 8'30"
Coleção Municipal de Arte do Porto

Águas e Espelhos acompanha o diálogo entre os cursos de água da Mata do Bussaco e os reflexos vegetais, animais e humanos. A interação com a superfície líquida surge com o mergulho de um espelho, revelando a presença inesperada de diferentes criaturas e sombras. O filme transforma a observação da água numa experiência sensorial, sugerindo uma relação íntima com a memória, a natureza e a efemeridade da própria matéria.

11 **Quasi Lua em Trânsito** 2025

Instalação com projeção de desenho em luz, espelho, lanterna mágica, motor rotativo
Acrílico sobre tela
120 x 180 cm
Acrílico sobre MDF
30 x 45 cm

Explorando o instante fugaz em que luz e imagem coincidem, uma projeção rotativa percorre o espaço, alinhando-se por breves momentos com a sua forma refletida. À semelhança de um sonho, *Quasi Lua em Trânsito* evoca um movimento transitório e cíclico que atravessa o tempo e o espaço, sugerindo repetição, passagem e transformação.

12 **Meia-Noite** 2019

Retroprojeção de 6 vídeos,
cor, som, 15'43"

No limiar entre o dia e a noite, a obra *Meia-Noite* explora os fluxos e atravessamentos entre os mundos visíveis e invisíveis. Formas vegetais e fragmentos de diferentes corpos dissolvem-se num azul profundo, através de um processo analógico de cianotipia. Entre matéria e sonho, a obra propõe uma experiência sensorial que revela a ligação entre o humano, o natural e o onírico.

13**Fogo Lácteo — Monotopias**
2019

Série de monotopias, óleo
sobre papel, 50 x 70 cm
cada

14**Fogo Lácteo — Chaminés**
2019

Escultura 1
50 x 135 x 252 cm
Escultura 2
100 x 100 x 300 cm
Escultura 3
93 x 67 x 350 cm

O conjunto de três peças
escultóricas integra a
instalação *Fogo Lácteo* e
resulta de uma residência
artística realizada pelos
artistas nos Açores. As
formas das esculturas
evocam as chaminés
avistadas entre as ilhas de
Santa Maria e São Miguel,
aludindo a uma paisagem
distante através de uma
relação mimética com a
memória desse património
arquitetónico.

15**Subir e Sumir**

2022

Filme 16mm transferido
para vídeo, 16'16"

Subir e Sumir inicia com um
ritual de limpeza leitosa
e apresenta um retrato
experiencial da passagem
dos dias durante a
primavera de 2020 em
Trás-os-Montes. Entre
construções de xisto,
rotinas animais e ciclos
vegetais, a dupla de artistas
registra a passagem do
tempo que atravessa este
território. Na ausência de
uma narrativa definida e de
uma temporalidade linear,
a obra surge como um
fluxo de percepções, onde
as imagens em movimento

seguem o ritmo do
quotidiano e se dissolvem
na materialidade do rural.

16**Aceredo**

2025

Filme 16mm transferido
para vídeo, 3'00"

Aceredo retrata a aldeia
galega que desapareceu
em 1992 devido à
construção da Barragem
do Alto Lindoso. Em
períodos de escassez de
água, as ruínas ressurgem
na paisagem, revelando
ruas, casas e memórias em
estado de suspensão.
O registo desta emergência
efémera transforma a
ausência em vestígio e
torna visível a passagem
do tempo e o impacto da
ação humana.

Fio Condutor

2013

Instalação, projeção
diapositivos
Filme 16mm transferido
para vídeo,
cor, s/som, 3'30"

Unidade de Coincidência

2010

Filme de 16mm,
cor, loop

Um fio gravita sobre um
círculo branco, traçando
desenhos circulares e
revelando modelações em
chumbo, enquanto uma
sequência de diapositivos
apresenta cartas-símbolo
e peças que remetem para
um jogo de tabuleiro. De
composições positivas
e negativas a relações
geométricas e formais,
a instalação formada por
Fio Condutor e *Unidade de
Coincidência* revela signos
e enigmas por decifrar.

Linha, cor e símbolo
surgem de forma contínua
e desenfreada, reforçando
a ideia de repetição e
movimento.

17**Pino Invertido**

2025

Instalação, 2 painéis de
seda pintados,
projeção de diapositivos

Pino Invertido revisita
a composição formal
homónima de 2020,
transpondo-a da
bidimensionalidade
do papel para a
tridimensionalidade da
seda pintada. Num gesto
de movimento, a cor
adquire corpo e revela
a passagem do plano
à matéria.

18**Adoração ao Sol**

2025

Instalação,
14 painéis de seda tingidos
e pintados, projeção
de desenhos em luz,
espelhos, lanternas
mágicas, motores rotativos

A instalação *Adoração ao
Sol* apresenta um conjunto
de formas semicirculares
suspensas em telas de
seda retro iluminadas,
projetando sobre o espaço
composições de cor em
contínua transformação.
Ao expandirem-se para
além da tela, as imagens
surgem como uma dança
de cor e de abstração,
projetadas através de
“vitrais” geométricos.
Imerso pela cor e pela
luz, o espaço torna-se
um lugar de introspeção
contemplação.

State of spirit

Curated by **João Laia**

**Mariana
Caló**

and

**Francisco
Queimadela**

Over the course of more than fifteen years, Mariana Caló and Francisco Queimadela have explored film and video, employing both analogue and digital techniques, as well as photography, drawing and sculpture, to formulate within their artistic practice an expansive embrace of the histories of cinema and visual culture.

State of spirit brings together a wide selection of works, including previously unseen pieces, united by the guiding thread of community — which, from the duo's perspective, emerges through the dialogue between culture and nature. Social dynamics such as customs, beliefs, habits and rituals associated with the seasons, agricultural labour, family life, or ancestral forms of orality and spirituality lead the artists to create images that oscillate between light and shadow, like fables that reflect the fleeting and transitory nature of life.

As a fragment of Caló and Queimadela's universe, **State of spirit** forms an immersive, dreamlike environment that documents the magic inherent in the many lived and imagined possibilities of the everyday life. The exhibition unfolds as a stage upon which acts of devotion, memory and pleasure are performed. It is a delicate and gentle test of endurance that draws strength from the details and gestures lost in the whirlwind of daily life; an invitation to slow down voracious rhythms of consumption and to nurture an attentiveness towards that which we seem to have forgotten.

State of spirit is the most comprehensive presentation to date of the work of Mariana Caló and Francisco Queimadela.

Public Programme

15.11.2025 — 17:00

Opening

22.11.2025 — 15:00

Guided Tour

with Mariana Caló and Francisco Queimadela

17.01.2026 — 15:00

Concha Acústica, Jardins do Palácio de Cristal

Group Mural Presentation

17.01.2026 — 17:00

Capela Carlos Alberto, Jardins do Palácio de Cristal

Listening Session

with Quarto Mundo

29.01.2026 — 19:00

Conference

A cosmic vision of late capitalism by Joel Vacheron

Guided tours

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026

(Saturday) — 16:00

I dream of these images. They are the ones that quench my thirst
and caress my fur.

I examine the flowers and am moved by the labour of the bees.
To construct a living principle.

I need your hands to draw trails on my back and form little tracks
with the future of the stones. Do you ever think about the future
of stones?

I sleep outdoors and at night my eyes fill with images that dye my
dreams: the purity of snow. Dog, child, bee, ruin, stone, stick, fire, leaf.
Butterfly wing enumerating possibilities. My tail asking questions.
What will become of us without Chlorophyll, the girl with tree arms
whom no one understood?

With this paw I invent amorous geographies. Pour warm milk in the
shape of desire and watch this image flow into the stream where
humans lose their faces because they do not recognise themselves
in the water's perspiration. Do you see? Our language is the after.

Let the insect land on your hand and discover your secret map of
constellations. There you sense the age of the stars, and I compare
it to that of humans. I ask you: let me be the volcano's apprentice and
heal the earth's wounds like the ancients. Make potions with honey
and rainwater, and nap to the wind's ear. Be Circle and Serpent.
Dream in the Other's sleep.

I see lights and shadows and the forms of beings waiting to be
recognised. Sometimes I am an image but I have my own principle.
How to recognise the mutant? – Questions.

I move along this thread of water that reminds me of the beginning.
To live fully in red, to know without knowing. To follow a trail of
clairvoyant affection. The child digging secret passages in the
mouths of animals. We should play with shadows and dare to map
sensitive landscapes. Rehearse scars in the celestial lap of the dawn
mist and plant in the earth the distinct seeds of imagination.

And then, as in times past, open the eyes and call out to someone

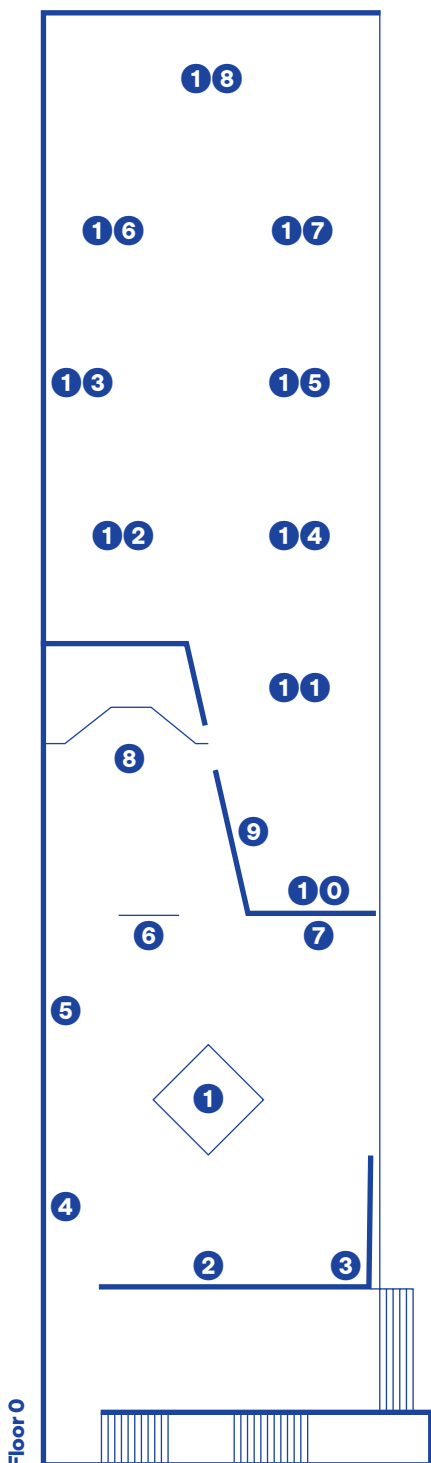
Rita Anuar

**Mariana Caló and
Francisco Queimadela**

Mariana Caló and Francisco Queimadela live and work in Porto and have been collaborating as a duo since 2010. Their practice is developed through a particular focus on moving images, both through the production of films and in intersection with immersive and site-specific environments, in conjunction with drawing, painting, photography, and sculpture. Their artistic work consistently reflects an interest in the dialogue between the biological, the vernacular, and the cultural.



Sinais de Fumo / Smoke Signals, 2020–2025



1 Memory Room for Radial Body 2020

Three-dimensional
structure in wood and
hand-painted silk panels
343 × 343 × 295 cm
State Collection of
Contemporary Art

This installation originated from a screen print created by the artists in 2013, inspired by the engravings of Robert Fludd's "Theatres of Memory" [1574–1637]. Through an architectural structure of light and colour, the artists create a space for intimate and immersive engagement with the works. By inhabiting this imaginary space, the visitor becomes an active, potentially radial, agent within a field of relationships with the surrounding images, moving between introspection and expansion, between their own memory and a sensory openness to the cosmos.

2 Light Plant 2021

Screen print
25 × 65 cm

Headstand
2020
Gouache on paper
65 × 50 cm

First Light
2020
Gouache on paper
65 × 50 cm

Butterflies, heat and light
2021
Gouache on paper
30 × 40 cm

Star

2020
Screen print
56 × 76 cm

Extraterrestrial

2020
Screen print
56 × 76 cm

Venus

2020
Screen print
56 × 76 cm

Wonderments

2020
Gouache on paper
35 × 50 cm

Celestial Disc

2020
Gouache on paper
35 × 50 cm

Levitating air form

2021
Screen print
50 × 65 cm

A series of drawings created between 2020 and 2021 that extend, on a two-dimensional plane, the symbolic universe of the installation *Memory Room for Radial Body*. Executed in screen print and gouache on paper, they present themselves as visual choreographies and gestural compositions exploring the relationships between form and colour.

3**Spilt milk**

2019
16 mm film transferred to HD video, B/W, sound, 4'47", loop

In the filmic image of a coffee pot where milk boils over, the reflection of a woman appears. In a hypnotic cycle, the visible

image of the spilling milk and the gesture of a person tending to it become intertwined. We are caught in a sensory and emotional duality, between the voluptuous overflow of the milk and the silent cry of a reflection, transforming a domestic gesture into an image of dream and memory.

4**The Mesh and the Circle**

2014
Gouache painting
120 × 78 cm

The gouache painting *The Mesh and the Circle* was created for the eponymous 2014 film. Developed by the artist duo over several months, this short film resulted from the collection of various everyday actions: from washing to playful practices based on empirical knowledge. This abstract drawing suggests the image of a map or a weave that traces the chain of gestures observed throughout the film.

5**Lua and Hippie**

2025
Medium-format colour photographs
Fine Art print
67 × 57 cm

Lua and Hippie is a series of twelve photographs depicting different symmetrical poses of two dwarf rabbits. Positioned between documentary recording and performative gesture, this photographic work explores the relationship between the stillness of the animal body and the presence of the human gaze.

6**Martian Tiles**

2015
16mm film transferred to video, 3'00"

In *Martian Tiles*, moving images explore the stains, fungi, and small creatures inhabiting a terracotta wall. The surface transforms into an imaginary landscape, where microscopic detail reveals the vitality of the material. The film offers a sensory drift through the relationship between matter, perception, and the pulse of different scales and inhabitants.

7**The Book of Thirst — Devils**

2015
16 mm film transferred to video, 2'44"

The Book of Thirst explores the imaginary space between human and animal, instinct and ritual. Through the layering of drawing and photography, the artists reflect on the relationship between thirst and curiosity, while referencing the vital impulse and the desire for knowledge. *The Book of Thirst — Devils* gathers a series of drawings of demonic figures in various anthropomorphised poses, dissolving boundaries between body and nature, human and beast.

Domesticating for Millenia

2019
16mm film transferred to video, colour, sound, 6'00"
Porto Municipal Art Collection

In *Domesticating for Millenia*, a child kneads bread dough with elemental gentleness. A transference between the primary food and its allegorical nature occurs. An association forms between the fierce appearance of the beings carved in the chapters of a church and their childish expression. Formless, worn stone and mysterious iconography, resemblance between the figures made of bread and stone.

8
Smoke Signals
2020–2025
Multichannel installation

Smoke Signals is a multichannel installation bringing together various films and projected images produced in different contexts and origins. Through this arrangement, the work presents itself as an atlas of moving images, forming a discursive apparatus where different temporalities and territories intersect. On this occasion, the installation features footage captured during the *Queima do Galheiro*, a practice taking place in the parish of Fradelos around Carnival. The title—*Smoke Signals*—evokes the ancestral imagery of techniques using fire, reflecting the artists' desire to explore alternative modes and forms of communication beyond established conventions. Through the simultaneity of moving images, new possibilities emerge to interpret and translate reality.

9
Levitating Shadows
2022
Acrylic on canvas
70 × 120 cm

Inverted Karma
2025
Acrylic on canvas
70 × 120 cm

Levitating Shadows and *Inverted Karma* evoke suspended forms that explore the dialogue between body and light. From shadow to painterly gesture, the fluid figures reveal a silent choreography, where drawing and movement merge.

10
Waters and Mirrors
2022
16mm film transferred to video,
4:3, colour, sound, 8'30"
Porto Municipal Art Collection

Waters and Mirrors follows the dialogue between the watercourses of the Bussaco Forest and the reflections of vegetation, animals, and humans. Interaction with the liquid surface occurs through the immersion of a mirror, revealing the unexpected presence of different creatures and shadows. The film transforms the act of observing water into a sensory experience, suggesting an intimate relationship with memory, nature, and the ephemerality of matter itself.

11
Quasi Moon in Transit
2025
Installation with light drawing projection, mirror, magic lantern, rotating motor
Acrylic on canvas
120 × 180 cm
Acrylic on MDF
30 × 45 cm

Exploring the fleeting moment in which light and image coincide, a rotating projection moves through the space, aligning for brief instants with its reflected form. Like a dream, *Quasi Moon in Transit* evokes a transient and cyclical movement that traverses time and space, suggesting repetition, passage, and transformation.

12
Midnight
2019
Rear-projection of 6 videos,
colour, sound, 15'43"

On the threshold between day and night, *Midnight* explores the flows and intersections between visible and invisible worlds. Plant forms and fragments of various bodies dissolve into a deep blue through an analogue cyanotype process. Situated between matter and dream, the work offers a sensory experience that reveals the connection between the human, the natural, and the oneiric.

13

Lacteal Fire — Monoprints
2019

Series of monoprints,
oil on paper
50 × 70 cm each

14

Lacteal Fire — Chimneys
2019

Sculpture 1
50 × 135 × 252 cm
Sculpture 2
100 × 100 × 300 cm
Sculpture 3
93 × 67 × 350 cm

The set of three sculptural pieces forms part of the *Lacteal Fire* installation and resulted from an artistic residency undertaken by the artists in the Azores. The shapes of the sculptures evoke the chimneys seen between the islands of Santa Maria and São Miguel, alluding to a distant landscape through a mimetic relationship with the memory of this architectural heritage.

15

Rise and Disappear
2022

16mm film transferred
to video, 16"16"

Rise and Disappear begins with a ritual of milky cleansing and offers an experiential portrait of the passing days during the spring of 2020 in Trás-os-Montes. Amidst schist constructions, animal routines, and plant cycles, the artist duo records the passage of time across this territory. In the absence of a defined narrative or linear temporality, the work unfolds as a flow of perceptions, where moving images follow the rhythm

of everyday life and dissolve into the materiality of the rural landscape.

16

Aceredo

2025

16mm film transferred
to video, 3'00"

Aceredo portrays the Galician village that disappeared in 1992 due to the construction of the Alto Lindoso Dam. During periods of water scarcity, the ruins re-emerge in the landscape, revealing streets, houses, and memories suspended in time. The recording of this ephemeral emergence transforms absence into trace, making visible the passage of time and the impact of human intervention.

Guiding Thread

2013

Installation, slide projection
16mm film transferred
to video, colour,
silent, 3'30"

Unity of Coincidence

2010

16mm film,
colour, loop

A thread gravitates over a white circle, tracing circular drawings and revealing lead mouldings, while a sequence of slides presents symbolic cards and pieces reminiscent of a board game. From positive and negative compositions to geometric and formal relationships, the installation formed by *Guiding Thread* and *Unity of Coincidence* unveils signs and enigmas to be deciphered. Line, colour, and symbol emerge

continuously and unrestrained, reinforcing the sense of repetition and movement.

17

Headstand

2025

Installation,
2 painted silk panels,
slide projection

Headstand revisits the eponymous 2020 formal composition, transposing it from the two-dimensionality of paper to the three-dimensionality of painted silk. Through a gesture of movement, colour gains body and reveals the transition from plane to material.

18

Sun Worship

2025

Installation,
14 dyed and painted silk
panels, projection of
drawings in light, mirrors,
magic lanterns,
rotating motors

The installation *Sun Worship* presents a set of semicircular forms suspended on backlit silk panels, projecting continuously transforming colour compositions into the space. Extending beyond the panels, the images appear as a dance of colour and abstraction, projected through geometric "stained glass" structures. Immersed in colour and light, the space becomes a place of introspection and contemplation.

**Aprender a ensinar, ensinar
a aprender com Elvira Leite**

Learning to teach, teaching to
learn with Elvira Leite

Curadoria

Curated by
Matilde Seabra

**Assistência à curadoria
e Desenho expositivo**

Assistant Curator
and Exhibition Design
Pedro Galante

Agradecimentos da artista

Acknowledgements from
the artist
Amanda Midori e/and
Pedro Bastos, Ana e/and
Jorge Policarpo, André Stern
– Institut Arno Stern,
Catarina Providência,
Catarina Rosendo, Cristina
Camargo com/with BOA
Arts, Editoras Afrontamento,
Leya e/and Pierrot Le Fou,
Fátima Sarsfield Cabral,
Mediação das Bibliotecas
Municipais do Porto, Gil Maia,
Isabel Gonçalves, Joana Correia,
João Fernandes, Joaquim
Azevedo, José Paiva, Lúcia
Almeida Matos, Luís Pinto
Nunes, Manuela Sanches
Ferreira, Marco e/and Clara
Guinoulhiac, Maria José Pereira
Leite, Milice Ribeiro dos Santos
e/and Joaquim Seabra, Samuel
Guimarães, Samuel Silva,
Sofia Victorino, Sónia Oliveira
e/and Isabel Koelher da/from
Biblioteca da Fundação
de Serralves, Susana Lourenço
Marques, Teresa Ferraz.

**Apoio aos Programas
Públicos**

Support for the Public
Programmes

architoys
architectural toys



**Recursões: uma
cartografia de
territórios inacabados**

Recursions:
A Cartography of
Unfinished Grounds

**Kiluanji Kia Henda
Com**

With
Flávio Cardoso
Lilianne Kiame
Raul Jorge Gourgel

Curadoria

Curated by
Margarida Waco
e/and
Kiluanji Kia Henda

**Agradecimentos
dos artistas e dos curadores**

Acknowledgements
from the artist and the curators
Francisca Bagulho,
Nuno Soares e/and
Rodrigo Gonçalves
aka Dedo Mau

**Apoio
Support**

 Forward
Art
Stories

Estado de espírito

State of Sprit

Mariana Caló
e/and
Francisco Queimadela

Curadoria

Curated by
João Laia

Texto

Text
Rita Anuar

Agradecimentos

Acknowledgements
Pedro André
Susana Ventura
André Cepeda
Organizações dos Galheiros de
Fradelos, Sapogal e Ferreirinhos
Leonel Alves
Leonor Lorret
Leonor Ventura
Jaime Silvestre
Hélio Caló
Gabriela Pereira
António Queimadela
Filipa Ramos
Rita Anuar
CACE
Luís Silva
João Mourão
Nuno Faria
Ricardo Nicolau
Lurdes Sá Lopes
Joaquim Marques

**Os artistas são
apoiados pela**

The artists are
supported by
Fundação Calouste Gulbenkian
e/and Direção Geral das Artes.

A inauguração das exposições contou com o gentil apoio de

The exhibitions' opening was kindly supported by



GALERIA MUNICIPAL DO PORTO

Direção Artística

Artistic Direction
João Laia

Direção Executiva

Executive Direction
Sílvia Fernandes

Coordenação de Programação e Curadoria

Head of Programmes
and Curator
João Terras

Coordenação de Produção

Production Coordinator
Patrícia Vaz

Comunicação

Communication
Tiago Dias dos Santos
(Coord.)
Diana Reis
Hernâni Baptista

Coordenação Técnica

Technical Coordinator
Paulo Coelho

Programas Públicos

Public Programmes
Matilde Seabra (Coord.)
Pedro Galante

Frente de Casa e Relações Públicas

Front of House
and Public Relations
Rui Braga

Curadoras Assistentes

Assistant Curators
Isabeli Santiago
Patrícia Coelho

Assistência à Produção

Production Assistant
Clara Saracho

Instalação e Apoio à Montagem

Installation and
Setup Support
Carlos Lopes
Miguel Loureiro

Assistência de sala

Room Assistance
João Ramos

Assistência Administrativa

Administrative Assistance
Juliana Campos

COLABORAÇÕES COLLABORATIONS

Design e Identidade Visual

Design and
Visual Identity
Oscar Maia

Fotografia

Photography
Dinis Santos
Sardinha Singela

Produção de Vídeo

Video Production
Papagaio Loiro
a-tundra

Tradução

Translation
Auditaccount

Programação Web

Web Development
Webprodz

DIREÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA CONTEMPORARY ART DIRECTION

Carlos Lopes (Téc. de
instalação / Installation tec.

GMP) Clara Saracho (Ass.
de Produção / Production

Ass. GMP) **Cláudia
Almeida** (Ass. de Direção

/ Direction Ass.) **Diana
dos Reis** (Comunicação

/ Communication) **Diana
Geirotto** (Gestora de

Proj. / Proj. Manager
Pláka/Fonoteca) Hernâni

Baptista (Comunicação
/ Communication) **Isabeli**

Santiago (Curadora
Assistente / Curatorial Ass.

GMP) João Laia (Diretor
Artístico / Artistic Director)

João Ramos (Ass. de Sala
/ Room Ass. GMP)

João Terras (Coord. de
Programação e Curadoria

/ Head of Programmes and
Curator) **Juliana Campos**

(Ass. Administrativa /
Administrative Ass. GMP)

Matilde Seabra (Coord.
do Proj. Educativo / Learning

Programme Coord. GMP)
Miguel Loureiro (Téc.

Multidisciplinar GMP /
Multidisciplinary Tech. GMP)

Nuno Rodrigues (Coord. de
Prog. / Progr. Coord. Pláka/

Fonoteca) Patrícia Coelho
(Curadora Assistente /

Curatorial Ass. GMP) **Patrícia
Vaz** (Coord. de Produção /

Production Coord. GMP)
Paulo Coelho (Coord.

Técnico / Technical Coord.
GMP) Pedro Galante

(Proj. Educativo / Learning
Programme GMP) **Rui Braga**

(Frente de Casa e Relações
Públicas / Front of House

and Public Relations GMP)
Sílvia Fernandes (Diretora

Executiva / Executive
Director) Tiago Dias

dos Santos (Coord. de
Comunicação e Ed. /

Communication and Ed.
Coord.) Vítor Rodrigues

(Produtor Executivo /
Executive Prod. Pláka/

Fonoteca) **Y oan Teixeira**
(Ass. de Direção Executiva /

Executive Dir. Ass.)

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente

Mayor
Pedro Duarte

ÁGORA — CULTURA E DESPORTO DO PORTO, E.M., S.A.

Presidente do Conselho de Administração

Chairman of Board
of Directors
Catarina Araújo

Conselho de Administração

Boards of Directors
César Navio
Ester Gomes da Silva

Secretariado da Administração

Secretariat
Hélder Roque
Liliana Santos

DPO

Filipa Faria

Diretora de Gestão de Pessoas, Organização e Sistemas de Informação

Director of People
Management, Organisation
and Information Systems
Sónia Cerqueira

Diretor de Serviços Jurídicos e de Contratação

Director of Legal Services
and Contracting
Sérgio Caldas

Diretora Financeira

Financial Director
Rute Coutinho

Diretor de Comunicação e Imagem

Director of Communication
and Image
Bruno Malveira



Visitas Guiadas/ Guided Tours

06.12.2025 + 03.01.2026 + 07.02.2026 (sáb/ Sat) 15:00 PT/16:00 EN

Visitas para escolas e grupos organizados por marcação
(terça a sexta-feira), através de email.

Visits for schools and organised groups by appointment
(Tuesday to Friday), via email.

Terça – Domingo Tuesday – Sunday

10:00 – 18:00

Entrada gratuita Free admission

Galeria Municipal do Porto
Rua D. Manuel II (Jardins do Palácio de Cristal)
4050-346 Porto

FB/IG: @galeriamunicipaldoporto

+351 225 073 305

galeriamunicipal@agoraporto.pt